



6

COLECCIONADOR

NÃO USE SAIAS, OU VOCÊ PODE SER A PRÓXIMA VÍTIMA

SÉRGIO FRAGOSO



Sérgio Fragoso

O Colecionador

não use saias, ou você pode ser a próxima vítima

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do autor e ou editor.

Revisão: Liliana Mathias

Capa: Kathy Seraph

Diagramação: Sérgio Alessandro Soares Fragoso

Versão digital

Alta Floresta – MT - 2018

Esta é uma história de ficção, todas as pessoas e nomes da história foram inventados pelo autor. Qualquer semelhança com a realidade é mera coincidência. Alguns lugares citados são reais, outros existem apenas na ficção. Todos os acontecimentos desta história também são fictícios, nada foi baseado em fatos reais, toda a história foi criada a partir da imaginação do próprio autor.

Sumário

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Epílogo](#)

Sinopse:

E agora detetive Scott? Várias mulheres mortas na mesma circunstância, mas nenhuma pista do malfeitor!

James Adam Scott, consagrado detetive de Nova York, estava com seu pescoço a prêmio, se não solucionasse o caso, confiado a ele por seu superior.

Um maníaco continuava à solta na cidade, e mulheres inocentes corriam perigo nas ruas. A cada vítima, o detetive ficava a um passo a frente de descobrir o maníaco. E as duas moças que conseguiram escapar? Seriam as peças chaves para a solução desses crimes? Quem seria aquele maluco? Que além de colecionador tinha hábitos completamente estranhos? Mas esse é um caso complicado e intrigante, destinado ao poderoso detetive Scott.

Capítulo 1

Mais um crime havia ocorrido naquela noite de lua cheia, a qual iluminava o céu da agitada cidade de Nova York. Scott chegou à cena do crime, desceu de seu carro, caminhando alguns metros sobre a grama orvalhada até chegar ao local, onde o cadáver fora encontrado. Vários policiais estavam ao redor do corpo, totalmente nu, e um perito se preparava para coletar possíveis impressões digitais ou qualquer outra prova que pudesse identificar o autor daquela crueldade.

O corpo em questão, o qual jazia sobre a grama, pertencia à uma jovem mulher, aparentemente com trinta anos. A pobre vítima estava totalmente nua, cuja pele branca tal como leite não apresentava nenhum arranhão ou qualquer outro tipo de ferimento, com exceção da marca roxa em seu pescoço, indicando que ela havia sido estrangulada. A palidez mostrava que o crime havia ocorrido há algum tempo, talvez algumas horas, mas não

muitas. As roupas estavam todas jogadas ao lado do corpo, mas algo de estranho existia naquela cena.

Era a segunda vez que encontravam uma mulher assassinada naquela semana, e as características do crime eram idênticas. O mais curioso era o fato de não ser encontrada a peça íntima na cena do crime. Seria apenas coincidência? Ou talvez as duas vítimas não seriam adeptas ao uso de calcinha? Afinal as mulheres usavam saias antes de serem assassinadas.

— Então o que me diz Ted? — perguntou Scott, procurando saber se havia alguma pista, isso além do que ele havia pressuposto, checando a cena do crime.

— Ela morreu por asfixia e provavelmente estava aqui por vontade própria. — respondeu Ted, o perito daquela noite.

— Foi estuprada?

— Talvez tenha sido violentada depois de morta, mas isso nós só saberemos depois de concluída a perícia. Se houvesse estupro antes dela ser morta, haveria hematomas nos braços ou outras regiões do corpo. Mas a única marca está no pescoço. Aparentemente o criminoso

utilizou de suas próprias mãos para cometer o crime.

— Já identificaram a vítima?

— Sim! — Ela estava com os documentos junto às roupas que nós encontramos jogadas aqui. Vamos comunicar os parentes.

Se realmente houve estupro, o responsável havia tomado o cuidado de usar preservativo, pois não havia sêmen ou qualquer outro fluído que pudesse ser visto a olho nu. Logo, pode-se concluir que não foi um crime cometido por amador; quem fez aquilo sabia o que tinha que ser feito para não deixar pistas, e conseqüentemente não ser identificado rapidamente. Mas isso não seria um problema para Scott; quando um caso caía em suas mãos, não havia como escapar.

Ele era um dos detetives mais famosos da polícia de Nova York, e todos os casos em que ele se envolvia, jamais terminavam sem solução. Porém, desta vez não existiam provas, parecia o caso mais difícil que ele já enfrentara em toda a sua jornada.

Depois de colher todas as informações necessárias, Scott encerrou seu trabalho naquela noite, e

em poucos minutos ele estava em casa. Sempre que um crime como aquele acontecia, Scott imaginava que todas as mulheres de Nova York estavam correndo perigo, e isso não seria diferente com sua esposa. Por este motivo ele preferiu morar em um apartamento, localizado no sétimo andar de um condomínio residencial bastante seguro. Mesmo assim sempre que ele chegava em sua casa, a cena da descoberta de um crime lhe vinha a mente. Abrir a porta do apartamento e ver sua querida esposa sentada no sofá assistindo TV deixava-o tão feliz que tudo o que existia de ruim em seus pensamentos era esquecido.

— Oi querido! — Qual foi o crime desta noite? — perguntou Eve, beijando-o levemente.

— Mais uma mulher assassinada! E tenho tudo para acreditar que foi o mesmo autor do crime do início da semana. — comentou, correspondendo ao beijo da mulher, tocando seus cabelos com carinho.

— Então você acha que é mais um serial killer para a lista de criminosos de Nova York?

— É muito cedo para dizer, amor! Mas um detalhe me chamou atenção nestas duas cenas de crimes.

— E qual foi?

— As duas mulheres estavam totalmente nuas, com suas roupas jogadas ao lado do corpo. Até aí nada de mais, mas não foi localizada nenhuma calcinha na cena do crime. Um pouco estranho, não é mesmo? O que você acha minha querida?

— Ah, amor, acredito que existam mulheres que preferem não usar, mas realmente isso é estranho. Talvez seja apenas coincidência mesmo! — respondeu Eve.

— A outra mulher já foi identificada e, segundo o depoimento dos familiares, nós chegamos à conclusão de que ela não era uma prostituta. Ela era apenas uma mulher solteira que saiu em uma noite para se divertir, e foi cruelmente assassinada. Isso descarta a possibilidade de estarmos lidando com um assassino de prostitutas. Como você sabe, um serial killer costuma atacar vítimas com alguma característica parecida. Mas a única coisa que as duas tinham em comum é que ambas vestiam saias antes de serem mortas.

— E essa de hoje? Vocês também já identificaram?
— perguntou Eve, parecendo preocupada.

— Sim. — Ela estava com os documentos, mas ainda não sei se ela era ou não prostituta. Amanhã mesmo eu vou conversar novamente com a família da primeira vítima e checar a informação sobre a roupa íntima. Tenho a impressão de que isso não é uma simples coincidência.

— Ela foi estuprada?

— Não Eve. Nada indicava que ela pudesse ter sido estuprada, e eu nunca vi nada parecido. É como se ele tivesse prazer em ver a vítima sem roupas, e levar a calcinha delas como um troféu.

— Muito estranho mesmo, mas quanto a sentir prazer em ver uma mulher nua, isso é absolutamente normal para um homem. É claro, quando a mulher está com vida.

— Perfeitamente Eve, minha querida. O que acha de praticarmos um pouco, tomando banho juntos? — sugeriu Scott, a fim de deixar as preocupações do trabalho de lado e curtir sua paz em família ao lado da mulher amada.

No dia seguinte, Scott bebeu seu café preto, forte e sem açúcar, preparado por sua querida esposa. Logo em

seguida, ele saiu com destino à casa dos pais da primeira vítima, a qual se chamava Jodie. Os pais da moça residiam próximo ao Central Park.

Scott tocou a campainha, e logo foi atendido.

— Olá! — Desculpe incomodar, mas preciso ter uma conversa com vocês novamente.

— Tudo bem detetive, entre. — O senhor tem novidades sobre quem fez aquela crueldade com a nossa filha? — perguntou uma senhora de meia idade, ainda bastante abalada com o acontecido.

— Na verdade, ainda não tenho nenhuma pista, mas há uma coincidência bastante estranha. Por isso, minha senhora, eu preciso que me respondam a uma pergunta muito íntima sobre sua filha. Talvez isso ajude na investigação.

— Estamos dispostos a ajudar no que for possível! — respondeu o pai da vítima, tentando se controlar. Mas o fato é que o senhor de cabelos brancos parecia bastante tenso e abalado.

— É uma pergunta embaraçosa, mas preciso fazê-la. — confessou o detetive, um pouco constrangido. Após

limpar ligeiramente a garganta ele continuou: — Na cena do crime o corpo de sua filha estava totalmente nu, e as roupas foram encontradas ao lado do corpo, como já sabem. No entanto, faltava uma peça; a calcinha, pois a mesma não foi encontrada no local. A senhora sabe me dizer se sua filha tinha o hábito de não usar peças íntimas? — perguntou Scott um pouco sem jeito.

— Não! De maneira alguma! Nossa filha nunca saiu de casa sem calcinha, e eu posso garantir que na noite do crime, ela saiu de casa usando a peça. Eu mesma vi quando ela estava terminando de se vestir. Jamais esqueceria um dos últimos momentos em que vi minha querida Jodie com vida! — respondeu a mãe da vítima, tentando conter as lágrimas.

— Então isso significa que o criminoso levou a peça íntima da cena do crime? Esta informação será muito útil para a continuidade da investigação.

— Não entendo como isso pode lhe ajudar, mas espero que encontre o culpado o mais rápido possível! — retrucou o pai da moça vorazmente, enquanto abraçava e consolava a sua mulher.

— Muito obrigado pelas informações. Vou deixá-los informados sobre o caso. — respondeu Scott, oferecendo um olhar de solidariedade ao casal.

Na noite do crime Jodie saiu de casa para ir a uma festa na casa de uma amiga. Aproximadamente às vinte e três horas, ela deixou a casa dela e pegaria um táxi para retornar para a sua residência, mas no entanto, isso não aconteceu. Depois de sair da festa, ela foi encontrada morta.

Scott entrou no carro e foi verificar no departamento de polícia se existia alguma novidade sobre o caso da noite anterior. Quando ele chegou lá...

— Perdeu a hora? — perguntou Alfred, o seu superior.

— Não! Apenas estava visitando os pais da Jodie. Precisava de uma informação e não achei conveniente perguntar isso por telefone.

— Isso o quê? — Eles já passaram pelo interrogatório e disseram tudo o que sabiam. Creio que eles não tenham mais nada a dizer.

— Sim Alfred. No entanto, o crime da noite

passada tem as mesmas características do assassinato da Jodie. Não encontramos a peça íntima na cena do crime, e a mãe dela me garantiu que usava lingerie quando saiu de casa. — comentou Scott, puxando a sua poltrona preferida e se sentando nela.

— Então você acha que nós temos um assassino que mata para levar a calcinha da mulher embora? — perguntou Alfred. — levantando seu traseiro gordo da poltrona, a fim de melhorar sua posição.

— Não posso afirmar, mas isso é uma pista, não acha? Parece estranho, mas não podemos desprezar nenhuma informação. E, por falar nisso nós temos mais alguma informação sobre a vítima de ontem?

— Sim! O nome dela é Alisha e a pobre não era prostituta. A última vez em que ela foi vista, estava em um restaurante acompanhada do namorado. Segundo ele os dois discutiram, e ela quis ir para casa de táxi.

— Interessante! — Então o namorado é suspeito? — perguntou Scott, coçando o queixo do rosto quadrado.

— Vamos verificar as câmeras de segurança existentes no local. A princípio ele disse que continuou no

restaurante por aproximadamente uma hora depois que Alisha foi embora e durante este intervalo, ela já deveria estar em casa.

— Isso é intrigante! As duas foram pegar um taxi, depois acabaram assassinadas e a calcinha desapareceu. Preciso de mais informações da família, a fim de descobrir se realmente ela não usava calcinha no dia do crime. Vou aguardar uns dois dias e conversar com os familiares. — comunicou Scott.

— Se estivermos diante de um serial killer, talvez até lá já tenhamos mais um caso para investigar. — disse Alfred.

— Não vamos deixar essa notícia se espalhar, pois nós ainda não sabemos se os crimes foram cometidos pela mesma pessoa. De qualquer forma vou usar o dia para estudar as imagens das câmeras e perguntar se alguém viu se realmente as duas chegaram entrar em um táxi, ou se foram abordadas antes disso.

— Faça isso. — Quero este caso resolvido o mais rápido possível! — disse Alfred, enchendo pela segunda vez sua xícara de café quente e preto.

Naquela noite do outro lado da cidade...

Alice estava no apartamento do namorado David. Foi a primeira vez que ele levava a moça à sua residência. Eles haviam acabado de transar. Enquanto David tomava um banho, Alice arrumava o cabelo na frente do espelho. Como ela não tinha levado a sua escova pessoal na bolsa, resolveu procurar algo que pudesse arrumar seu cabelo, todo desgrenhado por sinal. Quem sabe David tivesse algo que servisse? Pensou Alice, abrindo uma gaveta e vasculhando seu interior, mas não encontrou o que procurava, mas na segunda gaveta que ela abriu, não pode conter a emoção do susto que levou, mas sufocou o grito ao ver o que continha em seu interior. Com o coração aos saltos dentro de peito, Alice fechou imediatamente a gaveta novamente e esperou David sair do banho.

— Aconteceu alguma coisa, querida? Por que está me olhando desse jeito? — perguntou David, percebendo algo de errado no semblante da jovem mulher.

— Você não havia me dito que a sua irmã mora aqui com você! — arriscou ela, tentando conter a emoção.

— É porque ela não mora mesmo, ué. Eu moro sozinho aqui, e ela ainda mora com nossos pais. — respondeu o rapaz, enquanto secava rapidamente seus cabelos molhados com a toalha.

— Certo! — E o que significa esta gaveta cheia de calcinhas? — perguntou Alice, abrindo a gaveta e olhando furiosa para David, cuja cara de assustado não passou despercebida.

— Eu posso explicar Alice! Não é nada disso que você está pensando! — defendeu-se ele, deixando a toalha cair aos pés dela.

— Já sei! Tem outra mulher que vive aqui com você? É isso? Simples assim.

— Pare de inventar coisas, menina, e me deixa falar?

— Tudo bem! — Quem é a dona dessas calcinhas?

— O correto seria dizer; as donas, pois cada calcinha aqui desta pertenceu a uma mulher diferente.

— Como assim? Não me diga que você saiu roubando calcinhas por aí?

— Não, eu nunca fiz isso. Eu sou um colecionador.

— Colecionador! — Que história mais absurda é essa? — ralhou Alice, cruzando os braços e de cara amarrada, ela se sentou na cama. Ele suspirou e após alisar os cabelos dela, explicou:

— Uma peça íntima de cada mulher que eu levei para a cama até hoje, entendeu? Em suma; de cada uma delas eu tenho uma calcinha guardada aí nesta gaveta. Quer conferir? Todas elas estão usadas, e saíram direto do corpo delas para a gaveta.

— Credo, que nojo! — exclamou a moça, fazendo uma careta. Ele sorriu, parecendo zombeteiro.

— Eu adoro sentir o cheiro das mulheres na calcinha, sabe? Ah e quero uma sua também!

Alice nem respondeu, apenas olhou para ele com os olhos claros arregalados, como se decidindo se aquilo precedia. Afinal, ela não sabia se acreditava naquela história absurda, mas por outro lado se David estivesse mentindo, ela ao menos torcia para que ele tivesse conseguido aquelas calcinhas antes de os dois começaram o relacionamento.

— Se você quiser pode ficar com a minha

calcinha, mas se um dia nós dois nos casarmos, não vou admitir que você mantenha essas peças em nossa casa, tá legal?

— Tudo bem! Eu vejo o que eu faço, mas agora me dê a sua calcinha meu bem para a minha coleção.

Alice suspirou movimentando a cabeça de um lado para o outro, dando um sorrisinho amarelo, então ergueu a saia secretária bege plissada e tirou a peça íntima cor de rosa bebê, entregando por fim ao namorado.

— Ótimo! E agora como vou explicar para minha mãe que cheguei em casa sem calcinha?

— Não deixe que ela veja, simples assim! Por acaso tem quem mostrar a ela como voltou? — debochou, abraçando-a. — assim você não precisa explicar nada. E não acredito que ela vá notar o sumiço de apenas uma calcinha. Afinal você deve ter dezenas delas.

— Tenho mesmo, caso contrário eu certamente não daria esta a você. Mas agora me leva para casa amor? Antes que eu me arrependa e pegue ela de volta.

David pegou a peça e cheirou com prazer, em seguida guardou a relíquia na gaveta sob o olhar incrédulo

de Alice.

Capítulo 2

Na manhã seguinte Scott já havia terminado de analisar todas as imagens que foram disponibilizadas para a polícia. No local onde Jodie supostamente pegou o táxi, não existiam câmeras de segurança, logo a única chance seria encontrar alguma testemunha que a tenha visto naquela noite. No caso de Alisha, as câmeras externas do restaurante flagraram-na entrando em um táxi, mas não foi possível identificar a placa do veículo. Tony, o namorado de Alisha, disse em depoimento que ficou aproximadamente uma hora a mais no restaurante, mas as câmeras mostravam que apenas trinta minutos depois de Alisha, ele também deixou o local. No entanto, saiu em outra direção.

Tony entraria na lista de suspeitos? Ou será que a diferença de horário ainda o inocentava do crime?

Scott precisava de alguma pista concreta. E ainda naquele dia, ele visitaria a região onde Jodie foi vista

pela última vez, e na manhã seguinte visitaria a família de Alisha. Se existia um serial killer a solta, Scott não poderia perder mais tempo, afinal milhares de mulheres indefesas e desavisadas corriam perigo pelas ruas da cidade.

O investigador partiu para o ataque; e a primeira providência foi ir até a rua onde a amiga de Jodie morava. Depois de perguntar a vários moradores se alguém tinha visto algo naquela noite, Scott ainda não tinha conseguido nenhuma informação. Sua única tentativa seria um trailer de lanches que ficava a aproximadamente duzentos metros da casa da amiga de Alisha.

— Boa noite! — Sou detetive Scott e preciso fazer algumas perguntas ao senhor. — apresentou-se ele, coçando levemente o cavanhaque e mostrando o distintivo da polícia.

— Tudo bem! — Em que posso ajudar? — perguntou o senhor, o qual que tomava conta do local.

— Duas noites atrás uma moça foi vista com vida pela última vez nesta rua. Ela saiu da casa de uma amiga que fica mais adiante e disse que pegaria um táxi para

retornar para a sua casa, mas ainda naquela noite, ela foi encontrada morta. O senhor viu alguma coisa naquela noite? Talvez algum táxi passando por aqui, ou até mesmo uma moça morena clara entrando nele? — questionou ele, olhando a cara de espanto do homem, que por sua vez, limpou a garganta e respondeu:

— Eu vejo muitos táxis passando por este local, mas naquela noite, eu me lembro de ter visto apenas um, e ele parou logo mais a frente para pegar alguém, mas não reparei se era homem ou mulher.

— O senhor saberia me informar o modelo do veículo?

— Claro! — Como eu poderia me esquecer! Era um Ford Crow Victoria amarelo, mas adianto que foi a única coisa que eu vi.

— Tudo bem! Isso já me ajuda bastante. — Obrigado!

Scott retornou para casa com mais dúvidas do que soluções. Ele tinha quase certeza de que Jodie havia entrado naquele táxi, mas isso não significava uma grande descoberta. Se as duas entraram em um táxi, e um tempo

depois foram encontradas mortas, seria preciso descobrir onde elas foram deixadas, e se alguém as abordou ao descerem do carro. No entanto, seria impossível descobrir a identidade do motorista, sem descobrir a placa do veículo.

Quando Scott entrou em seu apartamento, percebeu que Eve estava terminando de colocar a mesa, e um cheiro delicioso de comida espalhava-se por todo o recinto.

— Que bom que você chegou querido! Vá tomar um banho logo, que eu lhe espero para o jantar. — exclamou a mulher dele sorrindo feliz.

Scott deu um beijo carinhoso nela e foi direto para o banheiro. O dia havia sido de muito trabalho e pouco sucesso.

Minutos depois...

— Como foi o seu dia?

— Pouco produtivo, minha querida! Não houve nada de concreto na investigação, não consegui identificar os taxistas que transportaram as duas, antes delas serem assassinadas. Tony, o namorado da segunda vítima, pode entrar na lista de suspeitos. E eu ainda não sei se a

namorada dele tinha costume de sair de casa sem essa peça íntima.

— E como você pretende descobrir isso?

— Da mesma maneira que fiz com a outra vítima; perguntando aos pais.

— Talvez o namorado dela tenha essa informação, mas claro, se os dois eram bem íntimos. — disse Eve.

— Você tem razão, minha querida! Eu vou conversar com ele primeiro, talvez eu consiga mais alguma informação, visto que ele foi a última pessoa que foi vista com Alisha, antes que ela fosse morta. De qualquer forma eu não acredito que ela estava sem calcinha em um restaurante, mas confesso que isso é bem excitante! — brincou o detetive, deixando sua mulher de boca aberta.

— O quê? — Ir a um restaurante sem calcinha?

— Não, amor! Saber que uma mulher está sem calcinha por debaixo da saia é muito excitante! — confessou Scott, olhando interessado para o traseiro da esposa, a qual colocava os pratos na pia.

— Mas eu não estou! — respondeu Eve.

— O que acha de ir até o quarto e tirá-la? — Depois eu lhe ajudo a secar a louça do jantar. — sugeriu.

— Tudo bem, querido, mas não me venha pedir para sair por aí desse jeito! — respondeu Eve bem humorada, dirigindo-se para seu quarto e retornando segundos depois. Em seguida, ela olhou para ele e começou a lavar a louça. Enquanto Scott observava a esposa por trás, ela virou-se alegando que ele enxugaria sozinho toda a louça.

— Realmente isso é muito excitante, meu bem! — confessou ele, sorrindo. — vamos acabar logo com isso que aquele quarto nos espera!

Eles se amaram como dois recém-casados e adormeceram em seguida. Scott acordou com o dia já amanhecendo e, se não fosse o barulho do celular, provavelmente continuaria dormindo.

— Scott? Aqui é Alfred. Acabaram de encontrar outra mulher assassinada.

— Caramba! Em que local?

— Na mesma região da última vítima.

— Me passe o endereço, pois eu vou lá

imediatamente.

Scott deu um beijo na esposa, vestiu-se rapidamente e logo saiu porta a fora, a caminho do local de mais um crime. Quando o homem se aproximou do local, logo pode avistar o carro da polícia e da perícia.

A mulher, morena clara, aparentando vinte e cinco anos, estava caída na grama, supostamente morta por estrangulamento. Estava nua apenas da cintura para baixo; o que diferenciava a cena dos crimes anteriores. Uma saia estava jogada ao lado do corpo, e mais uma vez não existia nenhuma calcinha na cena do crime, a qual se apresentava um pouco diferente, mas agora Scott tinha certeza de que estava lidando com um serial killer... Um assassino que levava a peça íntima de suas vítimas como se fosse um troféu ou coisa parecida. Afinal, neste mundo existem loucos para tudo.

O assassino não deixava pistas, nem mesmo alguma impressão digital sequer, visto que possivelmente usava luvas para matar as suas vítimas e depois despi-las.

Após colher algumas informações, Scott dirigiu-se até a casa de Tony, o namorado de Alisha. Ainda estava

muito recente o acontecido, mas ele precisava daquelas informações. Se conseguisse mais pistas com o rapaz em questão, ele não precisaria importunar os pais da moça morta, os quais deveriam estar muito mais abalados do que o namorado.

Para a surpresa de Scott, Tony não aparentava alguém que havia perdido a namorada há apenas alguns dias. Parecendo tranquilo, o rapaz cooperou, respondendo numa boa. Respondeu algumas perguntas que não acrescentaram nenhuma novidade à investigação e, finalmente Scott fez a última pergunta:

— Tony! O senhor sabe em que circunstâncias a sua namorada foi encontrada: ela estava totalmente nua, e as roupas estavam jogadas ao lado do corpo. Porém faltava uma peça de roupa. — Saberla me dizer se Alisha tinha costume de não usar a peça íntima? Ou especificamente naquela noite, ela estava sem ela?

— Tenho certeza que ela estava completamente vestida, pois minha Alisha não tinha esse costume. Acredito de fato que ela me diria, se fizesse isso. — respondeu Tony.

— Isso só reforça as minhas suspeitas, meu rapaz! De que nesta noite ocorreu mais um crime, apesar das características não serem as mesmas. Provavelmente, nós todos estamos diante de um assassino em série.

— Estou disposto a ajudar no que for preciso, detetive. Eu quero o desgraçado, que fez isso com ela, apodrecendo atrás das grades.

Scott agradeceu pelas informações e retornou para o departamento de polícia. E ele tinha tudo para acreditar que Tony não tinha nada a ver com a morte de Alisha.

— Alguma novidade? — perguntou para Alfred quando ele chegou.

— Sim! — Nós já temos os dois laudos da perícia. Jodie e Alisha foram asfixiadas e, por incrível que pareça, elas não foram abusadas sexualmente, mesmo estando nuas. A perícia também constatou que elas usavam a roupa de baixo, devido à marca do tecido na pele. Também foram encontrados fragmentos de pele humana sob as unhas nos dois casos. O material colhido pode ser útil, a fim de ajudar a encontrar o responsável, através do exame de DNA.

— Isso confirma o que os familiares de Jodie e o namorado de Alisha falaram; elas estavam completamente vestidas na hora do crime.

— Você já tem algum suspeito? — perguntou Alfred.

— Ainda não, mas eu suspeito que estamos lidando com alguém que mata exclusivamente para ficar com a roupa íntima da vítima. Mas por que alguém faria isso?

— Isso é o que você tem que descobrir o mais rápido possível, meu caro! Afinal já são três mulheres em menos de dez dias, e provavelmente todas mortas pelo mesmo criminoso. Não quero que esta lista aumente descontroladamente, caso contrário, nós perderemos a nossa credibilidade junto à população de Nova York.

Enquanto isso, do outro lado da cidade...

David estava caminhando pelo centro quando se deparou com uma moça linda que olhava a vitrine de uma loja. Ela tinha aproximadamente 1,70 de altura, cabelos escuros, pele clara e usava uma saia demasiadamente curta, a qual realçava todas as suas curvas e marcava o tecido da calcinha.

‘Nossa! Que coisa perfeita! Eu faria qualquer coisa para ter essa peça em minha coleção!’

Pensou David, enquanto observava a bela mulher que em seguida, entrou na loja.

Ele não queria magoar Alice, mas se dependesse de sua vontade, a coleção de calcinhas ainda aumentaria bastante.

Scott continuava preocupado com os últimos acontecimentos: três mulheres mortas em pouco mais de uma semana, e nada de concreto aparecia que pudesse levá-lo até ao assassino. Nem ao menos o sêmen, o desgraçado havia deixado durante seus crimes! Fato é que ele deixava as vítimas nuas, mas não as violentava. Além do mais, nada em comum existia nas três vítimas, a não ser o fato de todas elas estarem usando saias na noite em que foram assassinadas e terem sido encontradas sem calcinha.

Nenhuma pista concreta e nada de testemunhas; Scott parecia de mãos atadas, sem saber o que fazer. Se ao menos fosse possível identificar o motorista do Táxi de uma das vítimas.

— A perícia descobriu se as mulheres assassinadas, fizeram ligações, pedindo táxi antes do crime? — perguntou Scott.

— Infelizmente não encontraram nada. Provavelmente as duas tomaram um carro aleatoriamente, ou seja; alguém que estava passando naquele momento. — respondeu Alfred.

— Droga! — Impossível que não exista nenhuma pista que nos leve até ao assassino! — bufou o detetive, nervoso.

— Nós temos algumas pistas, apenas não sabemos o que elas significam. — respondeu Alfred, franzindo a testa, mais contido que o colega de trabalho.

— Três mulheres mortas que usavam saias e foram encontradas sem a peça íntima? — Isso não ajuda muito, meu caro! Você já imaginou quantas mulheres saem de casa usando saias todas as noites? — contra-argumentou o detetive, levantando de sua poltrona e dando voltas ao redor da mesa.

— Milhares delas, com certeza. — disse Alfred.

— Já identificaram a vítima, encontrada pela

manhã? — perguntou Scott.

— Sim! — Ela se chamava Maria, é de nacionalidade mexicana e estava no país a trabalho. O corpo será transladado.

— Quem esteve com ela na noite do crime?

— Estava com amigos em uma boate, sendo que uma amiga viu quando ela entrou em um táxi e foi embora.

— Isso só pode ser brincadeira! As três foram mortas depois de tomarem um táxi! — Conseguiram identificar o motorista?

— Infelizmente não. A perícia ainda está analisando as imagens da câmara de segurança, e talvez encontrem algo que possa nos ajudar. No mais, nós só podemos esperar e torcer para que ele não ataque novamente.

Naquela mesma noite...

Scott chegou em casa e se jogou no sofá, isso depois de mais um dia cansativo e sem muito sucesso naquele que era o caso mais complicado dos últimos anos.

Eve se aproximou e sentou a seu lado.

— Vejo que seu dia não foi dos melhores. Acertei?

— Sim querida. — Mais uma mulher assassinada, e nós não temos nenhum suspeito. — respondeu, descruzando os braços de trás da cabeça e afagando carinhosamente a mão estendida de sua mulher.

— Tenha calma, Scott! Caso o malfeitor continue a cometer crimes, uma hora ou outra ele vai acabar deixando uma pista, e então vocês pegam ele. — sugeriu ingenuamente, abraçando-o.

— Esse é o x do problema Eve, meu doce! — Nós precisamos encontrar o assassino, antes que a lista de vítimas aumente. Não podemos simplesmente ficar esperando até que ele se descuide e deixe uma pista. Isso pode demorar muito tempo, e a quantidade de vítimas pode se tornar alarmante. Já pensou?

Eve estava com quarenta anos, e ainda mantinha o seu corpo perfeito, praticamente igual ao de quinze anos antes quando os dois se casaram. Depois de inúmeras tentativas frustradas para terem um filho, ela e Scott foram ao médico e descobriram que seria impossível que ela engravidasse devido a uma má formação em seu útero. Os dois concordaram que adotar uma criança não seria a

melhor opção, e por isso viviam sozinhos naquele apartamento.

— Sei que o criminoso tem atacado somente durante a noite, mas eu quero que você evite sair por aí usando saias, ok meu amor? Sei que pode parecer ridículo, mas ao que tudo indica, o assassino tem preferência por mulheres que se vestem assim.

— Tudo bem, amor! Eu vou me lembrar disso quando for ao supermercado da esquina.

Dois dias depois...

— Já temos o resultado da perícia. — disse Alfred.

— Alguma novidade? Ou a mesma coisa dos outros casos?

— Conseguiram identificar a placa do táxi em que Maria entrou.

— Ótimo! — Então saberemos onde ele a deixou, antes de ser assassinada. — comemorou Scott sorridente com a certeza de que agora as provas começariam a surgir.

— Infelizmente nós ainda não temos muito para

comemorar! Pois a placa era falsa, ou melhor; pertencia a um veículo roubado e não ao táxi.

— Então nós temos um taxista assassino, concorda? Afinal que outro motivo levaria o crápula a utilizar placas falsas a não ser para que não fosse descoberto?

— Talvez, Scott! Pode ser que ele seja apenas algum imigrante ilegal, trabalhando no país.

— É muita coincidência Alfred, pois todas as três mulheres foram encontradas mortas, depois de tomarem um táxi. Tenho certeza de que agora temos uma pista concreta.

— Falsa ou não, agora precisamos encontrar este carro e ainda torcer para que ele não tenha coleção de placas, uma para cada ocasião em que comete um crime. — comentou Alfred, tomando um longo gole do seu café expresso.

— Qual era a marca do carro?

— Um Ford Crow Victória. — respondeu Alfred.

— Sei que são comuns, mas é o mesmo modelo que Alisha pegou antes de ser morta, e que também foi visto

na rua da casa da amiga de Jodie na noite em que ela foi assassinada.

— Mais alguma coisa?

— Sim Scott. — Maria também não foi abusada sexualmente. Ela foi asfixiada e teve uma peça de roupa levada, exatamente igual aos dois outros casos. Também temos o resultado do DNA, encontrado nos vestígios de pele encontrados nas unhas das duas primeiras vítimas. Nada parecido foi encontrado nos arquivos da polícia. É possível que seja alguém sem passagens pela polícia.

— Muito bem! — Quero que avise o máximo de nossos homens sobre este veículo. Sei que é muito difícil encontrar um Ford Crown Victoria específico em meio a milhares de táxis, mas temos que tentar. Quero que me avisem imediatamente se ele for localizado. Também vou ficar atento a cada táxi que eu ver. Quero pegar esse desgraçado o mais rápido possível! — exclamou agitado, levantando-se e vestindo seu casaco.

Naquela mesma noite, Scott vagou com seu carro por aproximadamente uma hora pelas ruas de Nova York, mas não viu nada de suspeito. Além disso, seria

praticamente impossível conseguir visualizar as placas dos veículos suspeitos, estando com o carro em movimento. Nas poucas vezes que ele conseguiu foi quando estava parado no sinal vermelho. Como aquilo seria inútil, ele foi para casa descansar.

Capítulo 3

Não muito distante dali...

Ingrid estava no aeroporto, onde havia acabado de chegar de São Francisco de uma viagem a passeio na casa de uma amiga. Carregando apenas uma mochila ocre da moda, ela usava saia jeans e blusa branca. Apressada, ela entrou no primeiro táxi que passou e parou, almejando ir para sua casa. Pelo menos foi isso que ela imaginou.

— Boa noite! — disse ela ao motorista.

— Boa noite! — Aonde a senhorita vai? — perguntou ele educadamente.

— Avenida Madison, por favor!

O motorista, aparentando uns trinta anos, usava terno preto e quepe, o qual parecia motorista particular. Ingrid estranhou somente o fato dele também usar luvas brancas. Mas por fim, a moça deu de ombros, focando na paisagem que desfilava fora do veículo.

Como o trânsito estava bastante lento, Ingrid

aproveitou o tempo para verificar as mensagens que havia recebido no celular. Avisou sua amiga de São Francisco que já estava chegando em casa, e em seguida ela colocou o fone de ouvido para ouvir músicas. Em seguida, a moça procurou em seu smartphone prata a seleção de músicas românticas dos anos 80 e 90; suas preferidas. Quando eles chegavam perto da Avenida Madison, Ingrid percebeu que o motorista seguiu em outra direção. Sem entender o que estava acontecendo, ela retrucou:

— Moço! — O caminho está errado! — avisou rapidamente.

— Não, não está! — O caminho é este mesmo. — respondeu ele calmamente.

— Por favor, pare o carro que eu quero descer! — pediu Ingrid receosa.

Desesperada, ela tentou abrir a porta do seu lado, mas ela estava travada.

O carro seguiu, adentrando no Central Park e, chegando em um local remoto, ele parou o veículo.

— O que está acontecendo? Por que o senhor parou aqui e não me levou onde eu pedi? — reclamou

Ingrid, já pensando e esperando o pior.

Ele olhou friamente em seus olhos e depois abaixou o olhar para as pernas dela, mas não respondeu absolutamente nada.

— Por favor, me deixa descer! — choramingou com firmeza. — Quanto eu lhe devo moço?

— Você não me deve nada, mas só vai embora depois de me dar aquilo que eu quero.

Ao ouvir aquilo, Ingrid teve certeza absoluta de que ela seria estuprada. Apertou a mochila mais ainda contra seu coração e não perdeu tempo: começou a gritar, mas estava com tanto medo que a voz não saía com a intensidade desejada. Ela estava realmente apavorada.

— Não quero lhe machucar, moça! Entenda! Por que não me deixa apenas tirar a sua calcinha? Depois você pode ir embora, isso se prometer não contar nada para a polícia.

— Você é louco! Eu não vou deixar encostar suas mãos sujas em mim! — bradou Ingrid, enquanto continuava tentando abrir a porta para fugir.

O criminoso não tinha escolha: ou ela entregava a

peça ou adeus mocinha morena. Ele tentava, mas as mulheres sempre dificultavam as coisas. Infelizmente ele não poderia permitir que ela saísse dali com vida. Então, ele saiu do carro rapidamente e em seguida abriu a porta traseira. Ingrid tentou fugir, mas ele a agarrou, segurando-a pelo pescoço. E na tentativa de se desvencilhar daquelas mãos enormes, ela ainda arranhou o rosto dele, mas foi em vão, pois a pobrezinha logo perdeu a consciência e o seu corpo desfaleceu.

O assassino soltou o corpo sem vida calmamente no chão. Em seguida, o homem desabotoou o fecho da saia dela, tirando-a e jogando ao lado. Agora o assassino estava diante de mais um troféu. Cuidadosamente, ele enroscou os dedos na calcinha e deslizou sobre as pernas da moça, até tirá-la completamente. E na sequência, usando as duas mãos, aproximou a peça em seu rosto e sentiu o cheiro maravilhoso que a peça exalava. Segundos depois, ele colocou-a no bolso do paletó, e em seguida entrou no veículo, deixando o local tranquilamente e com a satisfação de dever cumprido.

Paul, que costumava cruzar o Central Park

caminhando sempre que possível, teve a visão ofuscada quando um carro passou a toda velocidade por ele. Ainda conseguiu ver que era um táxi. Já com a visão reestabelecida, ele caminhou aproximadamente mais cem metros e de repente, o cara avistou alguém deitado na grama.

“Provavelmente algum mendigo ou um andarilho.” Imaginou ele. No entanto ao se aproximar, ele viu que se tratava de uma mulher, ela estava seminua e aparentemente sem vida. Imediatamente ele pegou o celular e ligou para a emergência.

— Alô! — Preciso de ajuda urgente! — disse desesperado.

— Fique calmo! — O que foi que aconteceu disse a voz feminina do outro lado da linha.

— Eu caminhava pelo Central Park quando me deparei com uma mulher, e parece que está morta.

— Em que local?

— Transversal 79.

— Vou mandar ajuda imediatamente, não saia da linha.

— Tudo bem!

— O senhor tem certeza de que ela está sem vida?

— Não sei, mas não posso tocar no corpo. E se ela foi assassinada?

— O senhor tem razão. — Como se encontra a iluminação do local? Tem alguma lanterna ou algo que possa aproximar do corpo, a fim de checar se ela está respirando?

— Apenas o meu celular. — respondeu ele.

Imediatamente Paul ligou a lanterna e aproximou a luz da mulher. Quando ele percebeu que ela ainda respirava, ele levou um susto, pois viu que seu tórax se movia para cima e para baixo lentamente.

— Ela está respirando! — exclamou ele desesperado ao telefone.

— Por favor, fique onde está e não tente fazer nada. O resgate está chegando.

Parecia uma eternidade, mas provavelmente não se passaram cinco minutos entre o início da ligação e o momento em que Paul avistou as luzes da ambulância e dos carros de polícia.

— Se afaste, por favor! — pediu um dos policiais, assim que desceu do veículo.

— Ela ainda está viva! — disse Paul.

— Já fomos avisados.

Imediatamente, os homens iniciaram os procedimentos para verificar se a moça estava mesmo viva. Felizmente ela respirava normalmente e quando a tocaram, ela acordou assustada.

— Ela pediu socorro em voz baixa.

— Fique calma, você está a salvo! — confortou uma enfermeira que estava a seu lado.

Eles então cobriram a sua nudez e a imobilizaram numa maca, depois colocaram-na dentro da ambulância, a qual saiu em disparada em direção ao hospital.

— O senhor deve ser o Paul? — perguntou o oficial.

— Sim! Sou o cara que a encontrou no Central Park e avisou a polícia.

— Muito bem! — Preciso de seus dados, pois preciso que o senhor me acompanhe até o departamento.

Minutos mais tarde, já no departamento de

polícia...

— Muito bem senhor Paul. Conte-nos tudo o que aconteceu detalhadamente.

— Vocês não estão pensando que eu tentei matar aquela moça, estão? E muito menos que me arrependi e liguei para a polícia...! Não foi nada disso, eu...!

— É o senhor que está dizendo isso! — cortou o chefe de polícia. — Eu quero apenas que o senhor me conte toda a verdade. O que viu na cena, o que ouviu e como a encontrou ali, em suma; simplesmente tudo o que sabe. — pediu Alfred recostando em sua poltrona, postos a ouvir tudo o que o rapaz teria para contar. O moço por sua vez, relaxou, mas continuou com os dedos das mãos entrelaçadas.

— Eu caminhava pelo Central Park quando me deparei com a moça caída no gramado, ela estava seminua e parecia morta. Então eu liguei para a polícia e depois utilizei meu celular para iluminar o corpo, foi então que percebi que ainda estava viva.

— O que o senhor fazia no Central Park a essa hora da noite?

— Tenho costume de caminhar por ali sempre que posso.

— Viu alguém suspeito enquanto caminhava?

— Não! Nenhuma pessoa cruzou por mim. —
relatou Paul.

— Tem certeza?

— Espera aí! — Pouco antes de encontrá-la, um carro a toda velocidade cruzou por mim.

— Consegue identificá-lo, senhor Paul?

— Com certeza! — Era um táxi Ford Crow
Victoria.

— Então ele atacou mais uma vez! — confabulou coçando o bigode, mais para si do que para seu interlocutor.

— O que senhor disse?

— Provavelmente o criminoso estava nesse carro, caro Paul! — O senhor conseguiu identificar o motorista? Homem ou mulher?

— Sinto muito, policial, mas o veículo, além da alta velocidade, estava com luz alta quando cruzou por mim, logo não consegui ver nada.

Alfred tinha certeza de que Paul não era culpado. E após colher todas as suas informações e dados pessoais, ele foi liberado, pois não tinha qualquer acusação contra ele. Quando Paul estava de saída, Scott chegou.

Naquela noite Scott havia combinado de levar Eve para jantar fora. Eram poucas as ocasiões em que ele conseguia cumprir a palavra em virtude do trabalho, mas naquela noite tudo deu certo. Pelo menos até o momento em que Alfred ligou.

Scott pagou a conta e deixou Eve em casa, desculpando-se por ter que sair às pressas, mas ela sempre entendia que aquilo fazia parte do trabalho do marido.

— Eu vim assim que fiquei sabendo. — Temos mais uma vítima? — perguntou Scott.

— Felizmente não é uma vítima fatal. Este homem que acabou de sair daqui encontrou a moça e avisou a polícia. Ela está no hospital aqui mesmo na quadra de baixo, passando por exames.

— Então não é mais uma vítima do serial killer? — questionou ele aliviado.

— Eu não estaria tão certo disso. Ela estava nua da cintura para baixo, da mesma maneira em que as outras vítimas e também usava saia antes de ser atacada. A peça íntima não foi encontrada, e aquele homem disse ter cruzado por um táxi, pouco antes de encontrá-la.

— Então desta vez nós o pegaremos! Se esta moça sobreviveu, então poderá nos levar ao assassino.

— Espero que sim — disse Alfred.

— Você pediu para reforçar a segurança no hospital?

— Ainda não, mas essa é uma boa ideia, não queremos que esse louco saiba que ela sobreviveu. — disse Alfred, olhando a tela do computador á procura do telefone do hospital em questão. — Se a notícia sair nos jornais, isso será questão de tempo, Scott! Eu não sei se conseguiremos evitar isso.

— Não sei qual é o estado dela, mas se conseguir conversar com ela amanhã mesmo, eu acho que seria bom, afinal nós não podemos perder tempo! — relatou Alfred.

Quando Scott retornou, Eve já havia se deitado. Ele então tomou um banho e se deitou.

— Querido!

— Eve! — Pensei que estivesse dormindo, meu amor! — Ou eu lhe acordei?

— Não, eu estava apenas cochilando. — Conte-me o que aconteceu.

— Ele atacou novamente, mas desta vez não obteve êxito. A moça foi encontrada seminua, mas com vida. Aparentemente ele tentou estrangular a pobre, mas por algum motivo não conseguiu.

— Então vocês agora tem uma testemunha? — comemorou a mulher com voz arrastada, meio sonolenta.

— Espero que ela se lembre do assassino, então nós o pegaremos. Amanhã logo pela manhã, eu irei ao hospital e vou ver se consigo alguma informação. — comunicou enquanto abraçava sua esposa com carinho.

Capítulo 4

Na manhã seguinte...

David havia combinado de tomar café da manhã junto com Alice em uma cafeteria. Logo cedo, ele passou para pegá-la em casa.

— Bom dia querida!

— Bom dia meu amor! — O que foi isso em seu rosto? — perguntou Alice, assustada com a marca no rosto do namorado parecida com um arranhão.

— Acredita que eu me cortei tirando a barba, isso nunca me aconteceu antes. Utilizei um aparelho de barbear novo e me descuidei. Estou pensando em comprar um barbeador elétrico, quem sabe assim não me machuco mais?

— Foi feio mesmo, até parece um arranhão. Se eu fosse você já teria comprado um barbeador elétrico há muito tempo. Eu também costumava me cortar quando usava para me depilar, depois que comprei um aparelho,

eu nunca mais me cortei.

Já na cafeteria...

— Você ficou sabendo que três mulheres foram assassinadas neste mês? — questionou Alice.

— E o que tem de mais nisso? Mulheres são assassinadas todos os dias, meu bem! Então isso não é novidade alguma! — retrucou ele, tomando um longo gole de seu cappuccino preferido.

— Não seja bobo, amor! Eu sei disso, ué! Estou falando de um serial killer. Eu li em um jornal que todas elas foram encontradas mortas e da mesma maneira... As pobrezinhas foram estranguladas e estavam seminuas.

— Mais um estuprador. Existem aos montes por aí. — retrucou o cara, parecendo frio e distante. — ainda não entendi o que tem de mais nisso.

— Não David. — Elas não foram violentadas sexualmente. A perícia concluiu que não houve nenhum tipo de contato sexual. Logo, não se trata de mais um estuprador. Eu li isso no jornal, já disse! — comentou, enquanto pegava um croissant.

— Então ele deve matar apenas por prazer e por

gostar de ver suas vítimas nuas! — concluiu David, pensativo.

— Talvez não, meu bem, pois até as calcinhas que as vítimas usavam; desapareceram. Não acha isso estranho? — perguntou ela, olhando seriamente para ele.

— Por que está me olhando com essa cara, querida? Você não está pensando que eu saio por aí, matando mulheres para aumentar a minha coleção de calcinhas, ou está?

— Acho que não, mas que essa sua mania de guardar calcinhas usadas em uma gaveta é estranha, isso é.

— Sou apenas um colecionador de peças íntimas sua bobinha! E sinto prazer em ver a mulher usando a peça e depois tirando-a e me entregando. O cheiro é maravilhoso, sabia? Além do mais é como a conquista de um troféu! Se eu pudesse teria ao menos uma calcinha de todas as mulheres lindas de Nova York! — sonhou, deixando sua namorada visivelmente incomodada.

— Tudo bem! — Se você fosse o assassino, já teria matado dezenas de mulheres, inclusive a mim! Pois a sua coleção de calcinhas é enorme. Não acredito que você

seria capaz de fazer isso. Ou será que seria?

— Certamente que não, meu amor! Que ideia sem nexo; matar você? Nunquinha! — confessou ele, beijando o rosto dela com carinho. — Se eu fosse o assassino, por que motivo eu não teria lhe matado também?

— Não sei! Assassinos em série são loucos revoltados com alguma coisa que aconteceu no passado. Acredito que o que eles fazem, não tem muito sentido. Já imaginou um assassino que quer acabar com as prostitutas? Ele matará algumas antes de ser preso, mas nunca chegará nem perto de exterminar todas as prostitutas do mundo. Acho sem lógica.

— Talvez não faça sentido para nós, pessoas normais, mas para eles, acredito que seja algo que dá prazer, independentemente de quantas vítimas eles conseguem alcançar.

Mais tarde no hospital...

Scott saiu de casa com esperanças de conseguir alguma informação que pudesse levá-lo ao assassino. Ao chegar ao hospital, ele conversou primeiramente com a direção e soube que Ingrid estava em observação,

apresentando apenas um hematoma no pescoço, o qual foi causado pelo agressor. Possivelmente o mesmo acreditava que ela estava morta, e por isso o milagre dela ter escapado com vida. A esperança de Scott era de que ela conseguisse se lembrar de alguma coisa, ao menos uma pista já seria uma grande conquista.

Ele entrou no quarto acompanhado da enfermeira.

— Senhorita Ingrid! — Este é detetive Scott, ele precisa te fazer algumas perguntas se possível. Quer que eu fique aqui ou prefere ficar sozinha?

— Pode confiar em mim, pois eu quero apenas saber o que foi que aconteceu na noite passada.

Ingrid pensou um pouco antes de responder.

— Tudo bem! — Pode nos deixar sozinhos — disse Ingrid um pouco acanhada.

Scott puxou a cadeira e sentou-se ao lado da cama, a qual ela repousava deitada por causa do ferimento no pescoço.

— Como está se sentindo senhorita? — questionou ele solícito.

— Estou bem, apenas com o pescoço dolorido. É

um milagre que eu ainda esteja viva. — comentou abatida, puxando uma mecha do cabelo escuro que teimava em cair em seu rosto perfeito.

— Consegue se lembrar do que aconteceu ontem à noite?

Ela apenas balançou a cabeça.

— Primeiramente gostaria de saber como você foi parar no Central Park. O que estava fazendo por lá naquela hora da noite?

Ingrid continuava em silêncio, parecendo pensativa e Scott acreditou por alguns instantes que ela não conseguiria falar sobre o assunto.

— Eu estava em um táxi, indo para meu apartamento — disse ela com a voz muito baixa.

— Em que local a senhorita pegou o táxi? — continuou Scott, na esperança de que a moça conseguisse cooperar. Funcionou; ela se mexeu levemente, tentando mudar de posição e após respirar profundamente respondeu:

— No aeroporto. Eu havia acabado de chegar de São Francisco e peguei o primeiro táxi que encontrei pela

frente. Em seguida eu pedi ao taxista que me levasse a Avenida Madison, onde fica meu apartamento, mas quando nós estávamos chegando ao local, ele mudou a rota.

— Não vou mais interrompê-la, tudo bem? Que tal se a senhorita me contasse tudo primeiro? E depois eu faço as perguntas necessárias.

— Então, detetive... Eu disse a ele que o caminho estava errado, mas ele simplesmente ignorou e adentrou ao Central Park. Assim que percebi o que estava acontecendo, eu pedi que parasse o carro para eu descer, ele parou, mas as portas estavam trancadas. Eu fiquei apavorada e comecei a gritar, mas não tinha ninguém por perto, logo isso seria inútil. Eu já não tinha mais dúvidas de que seria estuprada, foi então que ele olhou para minhas pernas e disse que eu poderia ir embora depois de deixá-lo tirar a minha calcinha e prometer que não contaria nada para a polícia. Eu nunca concordaria com aquilo, foi então que tive certeza de que ele me mataria.

— contou ela, parecendo emocionada. Após piscar algumas vezes seus olhos claros e dar um longo suspiro, a moça continuou: — Não sei se ele estava armado, mas eu

ia sair correndo, se conseguisse abrir a porta, mesmo correndo o risco de levar um tiro. Então ele desceu rapidamente do carro e abriu a porta traseira. Percebi que seria a minha chance de tentar fugir, mas antes que eu pudesse fazer qualquer coisa, ele me agarrou, e enquanto eu tentava me soltar, arranhei o rosto dele, mas ele me segurou pelo pescoço e provavelmente ia me estrangular. Foi então que fingi perder os sentidos rapidamente, soltando o peso de meu corpo, provavelmente ele acreditou que eu já estava morta e me soltou no chão. Continuei respirando vagorosamente na tentativa de que ele não percebesse, e acredito que deu certo. — sorriu, parecendo satisfeita apesar de tudo. Scott balançou a cabeça, concordando e vibrando com a fuga da moça, a qual seria mais uma vítima do assassino das calcinhas. E, como ele manteve silêncio, Ingrid continuou:

— Quando ele tocou em minhas pernas, eu sabia que seria estuprada e não conseguiria continuar fingindo de morta com aquele monstro em cima de mim. No entanto, senti que ele tirou minha saia vagorosamente e depois minha calcinha, eu já estava pronta para gritar,

pois não suportava mais, foi quando ouvi o barulho da porta do carro se abrindo e ele indo embora. Naquela hora eu imaginei que alguém pudesse ter chegado e flagrado aquilo e que e por isso ele fugiu. Eu estava com tanto medo que não conseguia nem abrir os olhos. Pensei em fugir quando não ouvisse mais o barulho do carro, mas antes disso ouvi a voz de um homem conversando ao celular. Agucei meus ouvidos e notei que ele ligava para a polícia, acreditando que eu estivesse morta. Percebi na hora quando ele se aproximou de mim com algo iluminando meu corpo, foi então que ele percebeu que eu estava viva. E também morrendo de medo e de vergonha por estar quase nua na frente de um completo estranho. Então continuei ali imóvel, mas logo em seguida o socorro chegou, e quando a equipe médica tentou me reanimar, eu abri olhos. Felizmente eu estou viva! Somente com o pescoço um pouco dolorido.

— Você acredita que ele cometeria o estupro?

— Agora já não sei, mas ele disse que queria apenas a minha calcinha, mas isso é loucura. Não acha? Para mim ele deve ter visto alguém e fugiu, por isso não

me estuprou.

— Talvez não, senhorita Ingrid! Outras três mulheres não tiveram a mesma sorte que você, sabia? As pobres foram estranguladas e encontradas na mesma situação que a sua; seminuas ou completamente nuas, e suas roupas íntimas desapareceram. Elas foram mortas depois de pegarem um táxi igual aconteceu com você.

— Nossa! — Então eu poderia ter saído ilesa, se tivesse feito o que ele queria?

— Provavelmente, devido às circunstâncias dos outros crimes, e por tudo o que você me contou, ele mata as vítimas depois da recusa em fazer o que ele pede.

— Estou arrepiada! — Como pode existir alguém doente desse jeito?

— Preciso encontrá-lo, antes que ele faça mais vítimas. — Você conseguiria descrever o rosto dele?

— Acho que não, pois estava escuro dentro do veículo, e durante o trajeto, eu me distraí no celular e também ouvindo músicas. E não prestei atenção nele. Sempre utilizo táxis, mas nunca reparo em quem está dirigindo. Sou muito distraída, sabe?

— Entendo. Como ele se vestia? Isso você consegue descrever?

— Sim. Ele parecia um motorista particular, pois usava terno e quepe e também luvas brancas.

— Por isso que não conseguimos encontrar impressões digitais do desgraçado! — Exaltou-se Scott. Mais contido ele continuou: — Ele era branco ou negro?

— Moreno claro, mas não tenho certeza.

— A voz dele não lembra alguém que você já tenha conhecido? Algum ex-namorado ou amigo antigo, talvez?

— Não! — De maneira alguma, eu jamais vi aquele monstro em toda a minha vida! Isso eu tenho certeza. Eu conheceria a voz, se fosse alguém conhecido.

— Muito bem! Nós ainda não conseguimos a identidade do criminoso, mas suas informações vão nos ajudar muito! Saiba que enquanto a senhorita estiver aqui no hospital, haverá um policial em sua porta. Isso é para garantir a sua segurança.

— Eu estou correndo perigo? — perguntou a moça, esboçando uma cara assustada. Scott tossiu, levantou-se da cadeira e respondeu:

— Se o assassino souber que você sobreviveu, poderá voltar para tentar te matar. Quando deixar o hospital, evite andar sozinha por aí. Também recomendo que não dê nenhuma entrevista, se possível, nem ao menos comente com seus amigos o que foi que aconteceu com você.

— Tudo bem! Acho melhor mesmo ninguém ficar sabendo.

Scott deixou o quarto do hospital, dirigindo-se a portaria, mas foi surpreendido por um grupo de repórteres.

— Já tem alguma pista do assassino? — perguntou uma repórter morena de óculos vermelho.

— A última vítima sobreviveu? — perguntou outro.

— Nada a declarar! — respondeu Scott, fugindo da avalanche de perguntas que se formou ao seu redor. Em seguida, ele entrou no veículo e foi embora. Mesmo assim, ele sabia que não demoraria muito tempo até que o acontecido estivesse estampado na primeira página de um jornal sensacionalista.

Agora Scott tinha um grande número de informações a respeito do caso. E a sua intuição estava correta: o assassino realmente levava a peça íntima de suas vítimas, sempre usava um táxi para capturá-las, mas não abusava delas. Ele ainda usava luvas para cometer os crimes, a fim de não deixar impressão digital, evitando ser descoberto. O detetive estava pensativo demais, pois precisava entender o que motivava o assassino a cometer seus crimes. Certamente isso poderia ajudar a capturá-lo. Scott tinha um verdadeiro quebra-cabeça nas mãos e agora precisava juntar todas as peças e conseguir encontrar o criminoso.

Capítulo 5

Naquela noite...

— Seu dia foi bastante agitado hoje, meu bem? Por que está tão agitado? — perguntou Eve, notando uma leve mudança no comportamento do marido. Scott por sua vez, chegou e mal beijou a esposa, como de costume. Ao contrário, mal a olhou e continuou agitado, coçando a cabeça e o nariz. Quando se acalmou, ele respondeu:

— Muito! Agora tenho várias informações sobre o serial killer, inclusive que ele utiliza um táxi para pegar suas vítimas. Só não sabemos o nome dele, e qual o motivo que o leva a matar mulheres inocentes. Também não conseguimos o retrato falado. A vítima que escapou com vida, não conseguiu descrever o rosto dele.

— Então esse é um bom motivo para não andar de táxi por aí.

— Sim querida! — Mas não podemos alarmar a população. Já imaginou quantos milhares de pessoas

utilizam este serviço todos os dias? A cidade viraria um caos, se todas as mulheres ficassem com medo de pegar táxi. Como não temos um rosto, todos seriam suspeitos.

— Você tem razão, amor! Seria terrível. Nenhuma mulher andaria mais de táxi.

— O assassino parece não ter uma preferência por raça, cabelo ou qualquer outra característica feminina. A única semelhança em todos os casos é que as mulheres usavam saias quando foram abordadas e então assassinadas. Deve haver alguma razão para isso. Mas talvez seja apenas uma coincidência.

— Você é homem e sabe perfeitamente que uma mulher usando saias, fica muito mais feminina e atraente, despertando o desejo nos homens. — disse sua esposa.

— Você tem razão Eve, mas eu quero saber qual o motivo dele? Ele mata simplesmente para roubar a calcinha? Será que alguém seria tão louco a esse ponto?

— Talvez sim, afinal as pessoas são capazes de coisas terríveis quando estão desequilibradas ou sofreram algum tipo de abuso durante a infância. Já pensou em procurar alguma pista na internet, rede social ou grupo de

discussão sobre isso? Talvez encontre alguém suspeito.

— Esta é uma opção, também vou pedir para que o pessoal monitore toda a área do Central Park, pois duas vítimas foram encontradas lá e outra nas proximidades. Talvez a única maneira de nós colocarmos as mãos nele seja quando estiver em ação. De qualquer maneira, eu quero que não utilize táxi e não use saias quando sair de casa com esse criminoso a solta.

— Tudo bem! — Vou lembrar-me disso.

No apartamento de David...

Alice e David haviam acabado de transar e estavam deitados na cama.

— Me deixa olhar novamente a sua coleção de calcinhas, querido? — pediu Alice.

— Claro! Mas deixe tudo organizado como está, ok? — respondeu David. Animada, a moça levantou-se da cama e partiu para a cômoda. Alice então abriu a gaveta.

— Nossa! — Tem todas as cores e modelos que eu já vi na vida! E são muitas!

— Trinta e nove peças, meu bem, para ser exato.

— Olha essa! É minúscula! Já essa outra é tamanho

G. Isso aqui não tá cheirando muito bem não. Você deveria lavá-las antes de guardar. Isso é falta de higiene.

— Se eu fizesse isso, perderia totalmente o sentido, pois seria a mesma coisa que ir a uma loja e comprar um monte delas e guardar na gaveta. E não teria o cheiro das mulheres.

— De qualquer maneira essa coleção não aumentou mais, depois que eu te dei a minha calcinha, aumentou?

— Considerando que tenho que transar com a dona para depois pedir a peça, sim, mas de repente, eu encontro outra maneira de conseguir.

— Faça o que quiser, não me traindo, tudo bem.

— Não vou lhe trair, mas desse jeito a minha coleção nunca aumentará.

— Eu posso lhe dar outras calcinhas usadas, se quiser repetidas, é claro.

— É uma alternativa.

— Me compre algumas que eu uso quando você quiser, afinal não vou lhe dar todas as minhas calcinhas, ou logo eu ficarei sem nada para vestir.

Na manhã seguinte...

O assassino parou em uma banca e comprou o jornal do dia. Depois ele colocou o maço de folhas sobre o banco de passageiros e se dirigiu ao local de trabalho. O dia estava calmo e então ele poderia ler as notícias tranquilamente, talvez ali encontrasse algo sobre a sua última proeza, porque ele ainda não havia encontrado nada sobre seu último crime. Gostava de ver a manchete, a fim de checar se a polícia descobriu alguma pista sobre o culpado do crime. Um sorriso se formava em seu rosto, sempre que descobria que a polícia não havia encontrado nenhuma pista.

— Como eles são bobos! — pensava ele.

Ele virou as páginas até encontrar a página policial. Desta vez havia encontrado o que queria, mas não do jeito que gostaria. A manchete dizia o seguinte: Serial killer ataca novamente, mas vítima consegue sobreviver.

Não deu outra; o cara fechou o cenho, pois a raiva tomou conta dele. Como aquilo seria possível? Não poderia ser verdade.

Ele leu atentamente a notícia e soube que uma mulher, de nome não divulgado, foi encontrada no Central Park com vida, depois de ser atacada por um criminoso e receber cuidados médicos ela já não corria mais risco de morte.

Só poderia ser a mesma moça que ele atacou na noite anterior! Afinal aquilo era muita coincidência que houvesse outro assassino com as mesmas características.

“Mas que droga de matéria! Não tem nem o nome da mulher e nem onde ela foi internada! Droga! E se ela conseguir me identificar?” Pensou ele com raiva.

Ele continuou lendo a matéria e soube que o detetive Scott estava responsável pelo caso, no entanto, o andamento das investigações não seria divulgado para não atrapalhar a ação da polícia.

— Esse idiota jamais vai por as mãos em cima de mim, mas de qualquer forma, eu vou esperar mais alguns dias antes de procurar a minha nova vítima! — falou ele, sozinho para si mesmo.

— Essa garota não pode abrir a boca! Eu sei em qual rua ela mora; Avenida Madison, foi isso que ela

disse quando entrou no táxi. Se eu pegá-la novamente, desta vez ela não vai escapar com vida.

Scott ficou furioso quando viu a manchete no jornal, mas ficou aliviado por causa da superficialidade das informações; o criminoso saberia que Ingrid estava viva, mas não saberia onde encontrá-la. No mesmo momento, Scott percebeu que estava totalmente enganado, pois Ingrid disse que pediu que ele a levasse até a Avenida Madison, portanto, bastava que ele ficasse vigiando a rua, e seria questão de tempo até que ele a encontrasse. Ingrid corria perigo se continuasse por lá.

Imediatamente Scott ligou no hospital e soube que Ingrid já havia ganhado alta. Ele então pediu o endereço e procurou o lugar imediatamente.

Era um prédio de apartamentos e havia um responsável pela portaria. Scott se apresentou e pediu para ser anunciado, e por sorte Ingrid estava em casa e autorizou que ele subisse.

Assim que ele chegou ao hall, tocou a campainha, e logo Ingrid abriu a porta. Ela ficou um pouco assustada

com a visita dele.

— Posso entrar? — perguntou ele ainda no corredor.

— Claro! — Desculpe, eu não esperava sua visita. Entre, vamos.

— Eu confesso que eu também não, mas precisava falar com você urgentemente.

— Alguma pista do criminoso?

— Infelizmente não, mas creio que você ainda corre perigo.

— Como assim?

— Você deu alguma entrevista, depois que saiu do hospital, ou conversou com alguém sobre o que aconteceu?

— Não! — Fiz o que você me pediu; não disse nada aos repórteres que estavam lá. Foi bastante difícil me livrar deles, mas não falei nada que pudesse dar pistas ao assassino.

— Mesmo assim, senhorita, eles publicaram uma notícia sobre o crime, e a essa altura ele já deve saber que você está viva, não divulgaram nada que ele pudesse

identificá-la, mas ele não precisa disso para te encontrar.

— Como assim? — questionou ela, sentada de frente para o detetive.

— Ainda no hospital você me disse que ao pegar o táxi, pediu ao motorista que a trouxesse até a Avenida Madison.

— Sim, foi isso mesmo.

— Isso quer dizer que o assassino só precisa de um tempo para te encontrar, pois ele sabe que você mora nesta rua, ele pode armar uma emboscada, ou simplesmente lhe dar um tiro quando estiver despercebida. Você é a única sobrevivente até agora, certamente que ele deve estar com medo de ser identificado e não hesitaria em lhe matar. Afinal já fez isso com outras mulheres.

— Eu ainda não havia pensando nisso. — disse ela, coçando a cabeça. Após um breve suspiro perguntou: — E agora o que eu faço?

— Você mora sozinha aqui?

— Sim! Meus pais são separados, cada um foi para um lado, e eu fiquei com este apartamento. E para falar a

verdade, eles ainda nem sabem do que aconteceu. Não quis ligar para não deixá-los preocupados, afinal o pior já passou.

— Então não seria possível mudar-se daqui? — perguntou Scott.

— Acho que seria muito complicado. Eu teria que vender o apartamento, ou alugar outro até o assassino ser preso. Este prédio é bastante seguro, pois tem porteiro permanente e não deixariam um estranho subir. Em todo caso, eu vou falar com eles e pedir que me avisem sempre que alguém quiser subir.

— Só quero que saiba que a senhorita corre perigo, talvez ele não se arrisque vindo até aqui, pois da mesma maneira que ele pode lhe procurar, nós podemos te vigiar, caso ele apareça por essas bandas. Acho até que ele seria bastante idiota se fizesse isso. De qualquer maneira vou deixar meu número de telefone com você; qualquer movimentação estranha ou desconfiança, a senhorita me ligue imediatamente.

— Tudo bem! Eu te agradeço. — respondeu Ingrid.

O assassino sabia que já era tarde demais para tentar evitar que a sua última vítima contasse tudo o que viu e ouviu naquela noite para a polícia, mas isso não o impedia de ter vontade de estrangular novamente aquela vadia, até ela morrer de verdade. E desta vez, ele abusaria de seu corpo sem piedade.

Ele estava em seu carro, estacionado na Avenida Madison acompanhando a movimentação. O veículo em questão não era o táxi, pois ele não queria chamar a atenção de ninguém, muito menos da polícia. Horas antes, ele havia feito uma pesquisa na internet e procurou por informações sobre o detetive Scott, e soube que era um dos melhores de Nova York. Ele também encontrou uma foto, onde ele aparecia, dando uma entrevista depois de solucionar um caso.

O assassino já estava bastante cansado de esperar que a moça aparecesse andando por ali, e quando ele já ia ligar o carro a fim de ir embora, avistou um homem saindo de um prédio. Nesta hora ele não teve dúvidas; só poderia ser Scott, o detetive. Seria muita coincidência que ele também morasse naquela avenida, logo a única explicação

é que ele estava fazendo uma visita para a vítima. Scott, por sua vez e sem desconfiar de nada, entrou no veículo estacionado do outro lado da Avenida e foi embora.

Agora ele sabia onde encontrá-la, apesar de que entrar naquele prédio despercebido não seria possível, afinal havia uma portaria, e certamente que não o deixariam entrar, sem se identificar, além de que correria o risco de ser pego em flagrante. Mas poderia esperar até ter uma oportunidade de capturá-la, ao sair do prédio. Precisava descobrir qual seria a rotina dela, e isso seria apenas uma questão de tempo. Porém, já havia ficado muito tempo por ali naquele dia e não queria levantar suspeitas.

Ingrid ficou pensativa depois que Scott deixou seu apartamento, afinal ele tinha razão quando disse que ela corria perigo. De qualquer maneira, ela jamais entraria em um táxi novamente em sua vida, e se visse algum vindo ao longe já seria motivo para que ela corresse com medo de que fosse o assassino.

Para tentar minimizar a tensão, ela tirou a roupa e entrou no banho, deixando a água fria escorrer pelo seu

corpo e a fim de relaxar; fechou os olhos. Mas a tensão voltou a tomar conta de seu corpo quando ela se lembrou da clássica cena de Psicose, então abriu os olhos rapidamente. Estava tudo bem; o assassino não conseguiria entrar naquele apartamento, ou conseguiria? A verdade é que a moça não conseguiu relaxar.

Ingrid terminou o seu banho e depois de se vestir, abriu a porta do apartamento, olhou atentamente o corredor e viu que estava deserto. A cada passo que dava era como se a qualquer momento, fosse agarrada pelo pescoço mais uma vez. Ela estava ciente de que não teria a sorte de escapar com vida duas vezes. Finalmente chegou à portaria e encontrou Anthony, o porteiro responsável pela segurança da portaria naquela noite.

— Tudo bem senhorita?

— Oi, tudo bem, Anthony. Quero que me prometa que em hipótese alguma vai deixar alguém subir, sem me avisar pelo interfone.

— Sim! — A regra é essa, sempre avisar que tem alguém querendo subir, mas sempre tem aqueles casos de amigas e amigos que querem subir sem avisar, e às vezes

isso acontece. Principalmente quando querem fazer uma surpresa.

— Sei disso, por isso mesmo quero que me prometa. Mesmo que a pessoa disser que me conhece desde criancinha, ou que é meu namorado, melhor amigo, não o deixe subir sem me avisar antes.

— Tudo bem! — respondeu Anthony, mas não perguntou qual a razão, e Ingrid também não quis entrar em detalhes. Afinal, no prédio ninguém sabia que ela havia quase sido assassinada.

Capítulo 6

No dia seguinte...

Scott ainda não tinha nenhuma pista sobre o paradeiro do táxi utilizado nos crimes. Ele acreditava na hipótese de que a placa do carro devia ser trocada todas às vezes que saía nas ruas, a fim do assassino não ser encontrado. Novos exames foram realizados com o material encontrado na pele e nas unhas de Ingrid, mas nada que pudesse indicar o possível criminoso, além de fios de cabelo que poderiam ser dele mesmo; do assassino. Pois os fios pertenciam a cabelos escuros e também serviriam para identificar o assassino através do DNA, isso se ele tivesse registro prévio no banco de dados da polícia. Ainda era cedo para descartar esta hipótese.

— Alfred! — Preciso que coloque alguém para vigiar a rua em que Ingrid, a vítima que sobreviveu, mora, visto que ela corre risco de morte.

— Você acredita que o assassino pode procurá-la depois do que ele viu no jornal?

— Sim! — Ele sabe que ela mora na Avenida Madison, e se essa for intenção dele, não vai demorar muito tempo até que a encontre — disse Scott, tomando um café preto fumegando.

— O local onde ela mora é seguro?

— Sim, mas lembre-se de que ela vai sair na rua a qualquer hora, e o perigo está justamente ali; ele pode a surpreender ou segui-la por aí até ter a oportunidade de cometer o crime. Sei que é impossível vigiá-la o tempo todo, mas pelo menos, nós podemos fazer o possível!

— Ok. Vou deixar dois policiais de plantão na rua dela, e vou avisá-los para ficarem atentos a qualquer movimentação estranha. Afinal, nós não temos um retrato falado do assassino, e possivelmente ele não seria tolo de ir com o mesmo táxi até a casa dela.

— Também penso isso, Alfred, mas se ele aparecer, nós o pegamos.

Scott sentou a frente do computador e fez o que sua esposa lhe aconselhou: começou a pesquisar possíveis

suspeitos na internet, em sites, redes sociais, enfim... Qualquer pessoa que se denominasse colecionador de calcinhas ou tivesse interesse no assunto. Ele ficou impressionado com a quantidade de sites, blogs e perfis que são dedicados ao assunto. Scott não imaginava que existiam tantas pessoas com essa mania esquisita, mas por outro lado, isso não tinha nada de mais. O problema é assassinar a mulher para conseguir o item a ser colecionado. Existiam muitas pessoas interessadas em comprar, e outras interessadas em vender calcinhas.

Scott analisou alguns perfis e viu que os internautas marcavam encontros para a entrega do produto. Esse não era o caso do assassino em questão, visto que todas as suas vítimas queriam apenas pegar um táxi, e não haviam marcado um encontro com essa intenção; de negociar um produto. Pelo menos esse era o caso de Ingrid.

Mais algumas páginas pesquisadas e finalmente Scott encontrou o perfil de um homem que se dizia apenas colecionador, mas não contava como conseguia as peças íntimas, a fim de aumentar sua coleção. Ele então anotou todos os dados e decidiu que acompanharia aquele perfil,

a fim de descobrir algo que incriminava aquele homem.

Três dias depois...

Já era hora de encontrar uma nova vítima, então o assassino preparou o táxi e saiu pelas ruas de Nova York. E como ele não queria levantar suspeitas, resolveu pegar um passageiro aleatório, antes de encontrar sua vítima. E foi o que ele fez. Na verdade, foram duas mulheres, uma aparentando ter quarenta e poucos anos e a outra aproximadamente trinta anos. Elas estavam na rua quando o viram passando e acenaram com a mão. Assim que elas entraram no interior do veículo, pediram para que ele as levasse até a uma boate.

Se elas soubessem quem estava dirigindo aquele carro, certamente começariam a gritar feito umas loucas, mas ele jamais atacaria duas mulheres ao mesmo tempo, pois não conseguiria segurar as duas e, além disso, uma delas não utilizava saias. Isso ia totalmente contra os seus princípios. Olhou disfarçadamente pelo retrovisor e notou que as duas eram mulheres atraentes e por um instante, imaginou a sua coleção aumentando em dose dupla. Porém, desistiu da ideia e logo deixou as moças no local

combinado.

Aquela noite não poderia passar em branco. Alguns quarteirões depois, ele passou em frente a uma casa de shows. Enquanto procurava um lugar para estacionar, percebeu que havia um grupo de pessoas. Ele olhou atentamente e percebeu alguém acenando para ele. Apesar de ser um rapaz, mesmo assim ele parou. Seria a última corrida da noite, e ele não parecia estar com sorte naquele dia.

— Olá! — Está disponível? — perguntou o rapaz.

— Sim! — disse ele, mesmo contrariado.

— Ótimo! — Samantha está com cólicas e quer ir pra casa já.

Neste momento ele viu a moça usando uma mini saia rosa metalizada, afastando-se do grupo e vindo em direção ao seu carro. E que linda moça! Com longos cabelos ruivos reluzentes. — ele sorriu, talvez a noite não estivesse perdida.

Ela se despediu dos amigos e entrou no carro. Matar aquela moça seria bastante arriscado, pois poderia ser identificado pelos amigos dela que viram seu rosto.

De qualquer maneira, ele correria o risco, pois ficou excitado com a possibilidade de ter aquela calcinha para a sua coleção.

Ela passou o seu endereço para ele, o qual ficava a uns quatro quilômetros dali. E ele disse que sabia onde era e começou a dirigir. Samantha deveria estar com muitas cólicas mesmo, pois encostou a cabeça para trás no banco e fechou os olhos. Nem ao menos viu quando ele desviou a rota, ela só abriu os olhos quando percebeu que o carro estava parando em uma rua deserta e escura, a qual a moça não conhecia.

— Por que parou aqui? — perguntou ela, meio confusa ainda sem saber o que estava acontecendo.

— Chegamos ao ponto final. — disse ele.

— O que está acontecendo aqui? — perguntou ela. Depois de alguns segundos de silêncio...

— Me dê a sua calcinha e prometa não contar nada do que aconteceu aqui para a polícia que eu deixo você ir embora.

Samantha ficou de boca aberta paralisada com o que ouviu. E, depois de alguns segundos caiu em si e

tentou abrir a porta do carro, mas ela estava trancada.

— Me deixa sair? — disse ela aflita.

Ele desceu do carro e com um revólver na mão, abriu a porta traseira do táxi.

— Não grite ou eu lhe dou um tiro agora mesmo.

— Você vai me matar de qualquer jeito! — disse ela com a voz trêmula, enquanto apertava a sua bolsinha prata contra o peito.

— Já disse! — Quero apenas a sua calcinha e que não conte nada para a polícia, só isso.

Samantha sabia que seria estuprada e morta, e que seria o seu fim. Lembrou-se dos conselhos de seu pai para não reagir nestas situações. Talvez tivesse alguma chance de escapar com vida. Ficar calma seria bastante complicado, visto que ela já estava apavorada, mas ela decidiu ao menos tentar.

— Tudo bem! — disse ela bem baixinho, mas contrariada.

Samantha se afastou e ficou encostada no canto direito do banco traseiro do automóvel.

— Coloque as mãos para trás — disse ele.

Então ele colocou a arma novamente na cintura e se aproximou de Samantha.

— Erga a saia e volte suas mãos para trás — ordenou ele.

A moça cumpriu a ordem com os olhos lacrimejando.

— Nossa! — Você tem um corpo lindo! — elogiou controlando-se.

Ele então se aproximou e enroscando os dedos tirou a calcinha dela até sair nos pés.

A calcinha era rosa e tinha uma pequena mancha de sangue; as cólicas que Samantha sentia eram em virtude da menstruação que começava a descer.

Ele segurou a peça e a apreciou. Samantha por sua vez, só aguardava o momento de ser estuprada por aquele maníaco. Mais uma vez ele olhou para o corpo dela agora seminu, parecia que a devorava com os olhos, mas depois de alguns segundos, ele se afastou e colocou a peça no bolso do paletó.

— Você foi muito obediente, moça! E se prometer não contar nada para a polícia, pode abaixar a saia e ir

embora. Mas não se esqueça de que eu tenho o seu endereço, e se você abrir a boca, eu vou atrás de você e te mato. Entendeu?

Sem proferir palavra, ela apenas, concordou com a cabeça.

Samantha não acreditava que sairia viva daquela situação, e o que aconteceria depois, não tinha a menor importância.

— Não vou contar nada para ninguém, fique tranquilo. — disse ela ainda sem acreditar que aquilo era verdade.

Então Samantha arrumou a saia, ajeitou sua bolsinha no ombro e em seguida, desceu trêmula do veículo. Ele entrou no carro e foi embora, deixando-a ali naquela situação.

Ela havia escapado com vida, mas estava em um local desconhecido e morrendo de medo, pois tinha a impressão que a qualquer momento, seria abordada por um maníaco e estuprada. Assustada, ela pegou o seu celular na bolsa, mas que azar: o bonito estava completamente sem bateria. “O jeito é sair logo daqui”

Pensou caminhando por aproximadamente três quarteirões, até que chegou a uma avenida um pouco mais movimentada. Ela então viu um táxi e acenou. Mas só fez isso quando percebeu que se tratava de um carro de marca diferente.

O veículo parou e ela entrou.

— Aonde vai moça?

Ela ficou calada, pois estava atônita.

— Algum problema moça?

Samantha queria gritar, contar tudo, mas estava envergonhada e com medo. Certamente ele a levaria diretamente para a polícia, mas não era isso o que Samantha queria naquele momento.

— Não! — Nenhum problema! Eu apenas briguei com meu namorado.

Ele então a levou diretamente para a sua casa.

Quando ela chegou lá, por volta da meia-noite, Samantha abriu a porta, dando graças a Deus que tinha as chaves, visto que caso encontrasse os pais acordados, teria que se explicar, pois estava visivelmente abalada. Deu graças quando notou que ambos estavam dormindo.

Em silêncio, ela correu para a sua suíte. A primeira coisa que ela fez foi livrar-se da roupa, pois sentia-se imunda, mesmo sem aquele monstro ter abusado de seu corpo, era como se tivesse sido completamente submetida a um estupro. Sua saia estava manchada de sangue, e felizmente as cólicas haviam sumido, mas a angústia que sentia era maior do que qualquer dor.

Ela deixou a água fria do chuveiro cair sobre seu corpo, enquanto pensava no quanto se sentia suja. Imunda. As lágrimas ainda insistiam em cair. Por fim, Samantha secou-se na toalha, colocou um absorvente numa calcinha, vestiu a roupa de dormir e deitou na cama com a esperança de que o sono apagasse tudo, e que aquilo não havia passado de um simples pesadelo.

Samantha conseguiu cochilar por alguns instantes, mas teve vários pesadelos durante a noite toda.

Acordou assustada no outro dia, e constatou que aquilo não era um simples pesadelo. Sua saia jogada no chão com a mancha de sangue fez com que ela revivesse todos os momentos de terror que passou na noite anterior. Mal pulou da cama e tomou outro banho, pois ainda

sentia-se suja.

Quando se sentou a mesa para tomar café com seus pais, ela permaneceu calada, já que não sabia o que dizer. Precisava inventar uma desculpa, pois se a sua vida dependesse do silêncio, jamais saberiam da verdade ocorrida naquela noite.

— Por que está tão calada filha? — perguntou George, seu pai.

— Nada! — Apenas estou preocupada com a faculdade, preciso escolher se quero a carreira de administração ou publicidade.

— Seu pai tem razão, Sam; você está estranha! Isso não é motivo para ficar assim; tão deprimida! — disse Rosie, sua mãe.

George terminou o café e saiu. A mãe não estava satisfeita com o comportamento da filha e continuou perguntando se havia algo de errado. Como Samantha precisava explicar a saia manchada, inventou uma saída:

— Eu estava com vergonha de falar na frente do papai, mãe! Só isso! É que ontem a noite durante a festa, eu tive uma crise de cólicas e minha menstruação desceu

de repente, então eu precisei vir embora, e minha roupa ficou toda manchada, até joguei a calcinha no lixo quando cheguei em casa.

— Nossa filha! Eu fiquei tão preocupada, pensei que fosse alguma coisa que você não quisesse contar, mas agora fico aliviada. Da próxima vez, não se esqueça de levar um absorvente extra na bolsa.

— Tudo bem mamãe, prometo que não vou me esquecer.

Capítulo 7

Não muito longe dali...

Uma calcinha com uma pequena mancha de sangue...! Foi a primeira da coleção com essa característica. Cada uma pertenceu a uma mulher diferente; algumas estavam vivas antes de despirem a peça, outras não tiveram a mesma sorte. Ele jura que não queria matá-las, embora não teve escolha na maioria das vezes. E bem que todas poderiam colaborar como fez a sua mais recente vítima.

Ela parecia bastante assustada, mas se seria capaz de denunciá-lo ou não, ele só saberia ao ler os jornais do dia seguinte. Era uma bela moça, e ele não queria ser obrigado a tirar a sua vida. Mas se ela caísse na bobeira de abrir a boca, se arrependeria amargamente.

Na manhã seguinte...

O assassino pegou o jornal, procurando pelas páginas policiais. Constatou que alguns crimes haviam

acontecido na cidade na noite anterior, mas nada que pudesse indicar que Samantha havia contado tudo para a polícia. Ele ficou mais aliviado e já começou a imaginar como seria a próxima peça de sua coleção.

Na segunda-feira...

— Alguma novidade Scott? — perguntou Alfred.

— Nenhuma! — Nossos homens estão vigiando o apartamento de Ingrid, mas até agora nenhuma movimentação suspeita. E nós não encontramos o carro utilizado no crime, e também não houve mais nenhum assassinato que pudesse ser creditado ao colecionador.

— Talvez ele tenha ficado receoso por causa da última tentativa frustrada, afinal ele não sabe se Ingrid pode ou não identificá-lo.

— Não sei Alfred. — Acho esse silêncio um pouco estranho, pois pela sequência dos crimes ele já deveria ter atacado novamente.

— Nenhuma mulher foi encontrada assassinada nos últimos dias, meu caro! E nós não temos notícias de que alguém está desaparecida, então não vejo nada de estranho. Assim ganhamos mais tempo para tentar

identificá-lo, antes que ataque novamente.

— Vou continuar monitorando aquele suspeito na internet. Acredita que ontem ele postou a foto de uma calcinha manchada de menstruação? Na legenda dizia ser a mais nova peça da coleção.

— Existem loucos para tudo nesse mundo, mas não houve nenhum assassinato neste fim de semana. Logo, este sujeito não deve ter nenhuma ligação com nosso assassino.

— Espera aí Alfred! Ele posta fotos periodicamente, e tem as datas das postagens, se isso tiver alguma sequência lógica, e se ele for realmente o assassino, a postagem anterior seria a foto da calcinha da Ingrid. Tudo o que precisamos é que ela reconheça a peça e então estaremos a um passo de pegá-lo.

— Nisso você tem razão Scott. Faça isso o mais rápido possível, ainda hoje. Mas se a Ingrid não reconhecer nenhuma das peças como sendo dela, então pare de perder seu tempo com esse cara.

— Vou ligar para ela agora e se estiver no apartamento vou lá agora mesmo.

O telefone tocou duas vezes e na terceira, ela atendeu.

— Alô! Ingrid? Aqui é detetive Scott, eu preciso lhe ver urgentemente.

— Tudo bem, detetive, pode vir, eu estarei aqui em casa, pois consegui alguns dias de licença do trabalho.

— Ótimo! — Posso ir aí agora?

— Sim! Mas lembre-se: quando o senhor chegar, por favor, avise o porteiro e se identifique. Afinal ele não te deixará subir sem a minha autorização.

Scott chegou ao prédio, sem se dar conta de que estava sendo observado. Assim que ele pisou no hall de entrada, pediu para ser anunciado na portaria, e após a autorização de Ingrid subiu ao apartamento. Assim que tocou a campainha, ela abriu a porta.

— Olá! — Como vai?

— Tudo bem! Ainda um pouco assustada, mas estou tentando superar. — Aceita um café?

— Sim! Por favor. — respondeu contente. Scott adora café.

Ingrid pegou uma xícara e serviu a bebida; quente e fresca da cafeteira.

— O senhor disse que era urgente! Por acaso tem alguma pista do assassino?

— Talvez! Estamos fazendo o possível para prender aquele desgraçado, mas como sobrevivente; você também pode colaborar.

— Eu já disse que não consigo descrever como ele era.

— Sim, mas tem algo que só você sabe. Certamente você se lembra de qual era a cor da roupa que você usava no dia do crime, mais especificamente da peça que o criminoso levou embora.

— Lembro perfeitamente, acho que nunca me esquecerei do que aconteceu naquela noite.

Scott abriu um leve sorriso, em seguida deixou a xícara de café de lado e tirou o laptop da sua pasta, ligando-o.

— Quero que veja algumas fotos e me diga se reconhece a sua peça íntima em alguma delas. Estamos monitorando colecionadores na internet, e talvez isso nos

ajude. Este cara, que não mostra o rosto, divulga sua coleção de peças íntimas, postando as fotos na internet. Olhe esta aqui, pois foi sua última postagem.

— Está suja de sangue! — Ingrid ficou horrorizada.

— Sim, mas não temos notícia de crime ocorrido contra mulheres recentemente. Agora olhe esta foto que foi postada anteriormente. Por acaso ela é parecida com a sua roupa?

Ingrid ficou chocada e sem palavras, pois aquilo era muita coincidência ou realmente eles estavam diante de uma grande prova.

— O que me diz Ingrid? É parecida ou totalmente diferente?

— Simplesmente idêntica! A mesma cor e modelo: amarela de rendinha vazada! Céus! Só pode ser minha!

— Realmente pode ser uma coincidência, afinal existem milhares de peças iguais, mas ainda tem mais um detalhe — disse Scott.

— E qual seria?

— A data da postagem é exatamente um dia após a

tentativa de seu assassinato, acho que desta vez nós o pegamos.

— Mas como vocês vão conseguir identificá-lo? Se não existe nenhuma informação, nome ou endereço que leve até ele?

— Essa é uma das tarefas mais fáceis, minha cara jovem! Eu vou pedir para a perícia rastrear o endereço de IP do computador de onde ele fez o upload das imagens, depois é só conseguir uma autorização judicial e entrar no local.

— Mas ele pode ter feito essas postagens através de um celular ou de qualquer outro lugar aleatório — disse Ingrid.

— Sim! Mas espero que ele não tenha feito isso. Vou tomar todas as providências o mais rápido possível, e assim que ele estiver em nossas mãos, você precisará reconhecê-lo. Acha que consegue?

— Com certeza, pois eu não consigo descrevê-lo, mas o reconheceria se ele aparecesse na minha frente. Mas espero que isso só aconteça quando ele estiver preso.

— Qualquer coisa me liga! — disse Scott e se

despediu.

O assassino ainda observava de longe quando o detetive Scott deixou o prédio. De onde ele estava, era possível ver a portaria. O sol já começava a se esconder no horizonte, quando ele viu a troca de porteiros. Scott possivelmente nunca tinha ido naquele horário ao apartamento dela. Aquela poderia ser a sua chance. Se soubesse o nome da moça, entraria no prédio facilmente. Bastaria se apresentar como detetive Scott, dizendo que havia esquecido de algo lá no apartamento, mas sem o nome dela, isso não seria possível.

Mais tarde, não muito longe dali...

David e Alice haviam saído para jantar e conversavam descontraidamente.

— Tem tido notícias da Samantha? — perguntou David.

— Não! Depois daquele dia em que ela foi embora da festa sentindo cólicas, eu não tive mais notícias — respondeu Alice.

— Estranho! Samantha não postou nada nas redes sociais esses dias e tampouco me ligou. Logo ela que é

viciada nessas coisas! — comentou David.

— Será que ela está bem? Acho que vou tentar falar com ela.

Alice discou o número imediatamente. O telefone chamou, mas ela não atendeu.

— Não atende. Vou tentar no telefone fixo. Talvez a mãe dela tenha notícias.

Logo no segundo toque, a mãe dela atendeu.

— Alô! Quem fala?

— Oi, é a Alice, amiga da Samantha.

— Oi! Tudo bem Alice? Como vai?

— Dona Rosie, eu queria falar com a Samantha, ela está? Pois sua filha não deu mais notícias e não atendeu ao telefone. Fiquei preocupada.

— Não precisa se preocupar, está tudo bem, eu acho. Samantha está um pouco estranha desde aquela noite que vocês saíram juntos. Tem conversado pouco, não quer sair de casa, nem o celular que ela tanto gosta, ela tem usado. Aconteceu alguma coisa naquela noite que eu não saiba?

— Nossa! Isso realmente é muito estranho, mas que

eu saiba, não aconteceu nada. Ela estava com cólicas e chamou um táxi e foi para casa, só isso. Desde então, não nos falamos mais.

— Você poderia vir visitá-la e tentar descobrir se aconteceu alguma coisa que ela não quer nos contar.

— Claro, posso fazer isso. Estou aqui em um restaurante com o David, mas podemos sair daqui e ir diretamente para sua casa, claro se não achar um inconveniente.

— De maneira alguma, minha querida! Eu espero vocês. Até daqui a pouco.

Dona Rosie bateu na porta do quarto de Samantha e avisou que ela teria visitas.

— Mãe! Eu não quero receber visitas de ninguém.

— Você terá que recebê-los, minha querida. Afinal Alice e David são seus amigos, e eles já estão vindo para cá. Eles querem conversar com você.

Meia hora depois...

Alice e David chegaram e depois de cumprimentarem dona Rosie e seu George, foram recebidos por Samantha em seu quarto.

— Nossa Samantha! Você está bastante abatida para quem está bem. Sua mãe disse que você anda estranha desde aquela noite. O que foi que aconteceu?

— Você tem razão Alice. Até parece que ela viu um fantasma. Não me diga que ainda está com cólicas? — perguntou David.

— Não! — Antes fosse.

— Então o que foi que aconteceu? — perguntou Alice.

— Não posso contar.

— Como assim, não posso contar? Somos seus melhores amigos, menina!

— Se disser a verdade, algo muito ruim pode acontecer. Não posso falar! — avisou fechando a cara e cruzando os braços.

— Algo muito ruim vai acontecer se você continuar guardando isso só pra você, amiga! Conte logo o que aconteceu — implorou Alice.

— Se eu contar, vocês dois prometem que não vão contar para ninguém? Vocês juram?

Os dois se entreolharem e, segundos depois,

concordaram.

— A minha vida depende desse segredo, gente! Olha lá! Nem meus pais sabem o que aconteceu naquela noite.

— Tudo bem! Mas diga logo o que foi que te aconteceu, pelo amor de Deus! — implorou Alice.

— Naquela noite quando eu entrei no táxi, estava com tanta cólica que escorei a cabeça no banco traseiro e fechei os olhos, porque tudo o que eu queria era chegar em casa logo. Nem ao menos percebi que o motorista havia mudado de direção, na verdade, só percebi quando ele parou em um local escuro e quase completamente deserto.

— Você foi estuprada! — exclamou Alice assustada.

— Deixe a Samantha falar, por favor, Alice!

— Como eu dizia, ele parou o carro e disse que nós havíamos chegado ao ponto final. Nossa, eu fiquei desesperada e tudo o que eu imaginei naquele momento é que realmente eu seria estuprada e morta. Tentei fugir, mas não consegui abrir as portas do carro, de tão apavorada!

Ele disse para que eu ficasse em silêncio ou ele me mataria. Eu não tinha dúvidas de que ele faria isso. No entanto, reagir seria muito pior. Pensando nisso, eu resolvi ceder aos pedidos dele, talvez ele apenas me estuprasse e me deixasse jogada na rua. Foi uma tentativa de sobreviver. Sei que parece absurdo, mas talvez ele abusasse de mim e não tivesse a intenção de me matar. Nessa hora foi a única coisa que eu consegui imaginar. — relatava Samantha para os amigos. Após respirar fundo, ela continuou: — Ele veio para o banco traseiro do táxi, e eu me afastei até a outra lateral com bastante medo. A coisa mais absurda foi que ele disse que queria apenas a minha calcinha e que se eu ficasse quieta e não contasse nada para a polícia, ele me deixaria ir embora. Logicamente que não acreditei, mas concordei. Primeiro ele pediu para que eu afastasse as mãos para trás, depois pediu que eu erguesse a minha saia e afastasse as mãos novamente. Em seguida ele colocou a arma na cintura e se aproximou de mim, e eu estava morrendo de medo. Cuidadosamente ele tirou a minha calcinha e depois olhou para ela como se fosse um troféu conquistado, mesmo

estando manchada com sangue de minha menstruação.

— Na sequência ele guardou a peça no bolso e disse que eu poderia ir embora, se não contasse nada para a polícia. E que se eu fizesse isso, ele tinha meu endereço e que eu iria me arrepender. Por fim, o cara foi embora, e eu fiquei sozinha naquele lugar. Até tentei meu celular, mas estava sem bateria, então eu consegui caminhar, até que finalmente encontrei outro táxi que me trouxe para casa.

— Nossa amiga! Que barra! E você não contou para ninguém? — perguntou Alice chocada com a história que acabava de ouvir.

— Não podia! E nem poderia! Vocês prometem que não vão contar nada para meus pais e muito menos para a polícia?

— Samantha! Você precisa contar para a polícia, menina! Afinal esse louco precisa ser preso! — argumentou David, parecendo revoltado.

— Você não ouviu o que acabei de dizer? Ele sabe meu endereço, David! E eu não quero correr esse risco. Além do mais, o que eu diria para os caras da lei? Que eu

peguei um táxi e que o sujeito levou a minha calcinha e depois me largou na rua? — ironizou Samantha forçando um sorriso.

— Samantha! — Você leu os jornais dos últimos dias? — perguntou Alice.

— Não! Dificilmente eu pego um jornal para ler. Por quê?

— Esse cara pode ser o mesmo que cometeu uma série de crimes, e está sendo procurado pela polícia, sabia? Sem contar que o maníaco já matou três mulheres estranguladas, levando as calcinhas delas. Outra mulher também conseguiu escapar, mas a pobrezinha não se lembra do rosto dele. Só pode ser o mesmo cara! E nós três vimos o rosto dele, basta que façamos um retrato falado, que a polícia vai encontrá-lo rapidamente.

— Não posso fazer isso, gente! Perdi apenas uma calcinha! Tudo bem que foi uma das peças íntimas que eu mais gostava; rosinha e tal, mas eu não quero perder a vida ou colocar em risco meus pais.

— Esse cara não é seu amigo, não David?

— Do que vocês estão falando? — perguntou

Samantha.

— David também é colecionador de calcinhas. Você não sabia?

— O quê?

— Alice! — Isso era para ser um segredo entre nós dois! — reclamou ele indignado e de certo modo; envergonhado.

— Isso mesmo. — David tem uma gaveta cheia de calcinhas! Ele ainda me disse que cada uma pertenceu a uma das mulheres com quem ele transou. Mas ele não matou nenhuma para poder pegar a calcinha, eu acho. — desafiou Alice debochada, olhando para a cara contrariada do seu namorado.

— Claro que não! — Meu prazer é que a moça tire a peça do corpo e me dê de presente, meninas! Eu jamais machucaria uma mulher. — justificou.

— Colecionador ou assassino, tanto faz! Eu nunca iria denunciá-lo, David! — disse Samantha.

— Pense nos familiares que não sabem quem foi o responsável pelas mortes, e ainda mais nas mulheres que vão morrer, enquanto esse criminoso continuar a solta! —

tentou argumentar Alice.

— Não adianta insistir, gente! Eu não vou mudar de ideia. — decidiu Samantha abraçando uma almofada cor de rosa em cima da sua cama. — E também não quero que vocês digam à polícia o que aconteceu, mesmo sem citar meu nome. Afinal, se vocês disserem que viram o assassino e que podem descrever o rosto dele, a polícia vai querer saber como foi que descobriram isso! E, assim rapidamente eles vão chegar a mim, e o assassino ficará sabendo que eu contei a polícia sobre o crime. Ah, não! E tudo será uma questão de tempo, até que ele venha aqui e me mate.

— Já entendemos Samantha, nós não vamos falar nada para a polícia. Não é David? — confirmou com ele que assentiu concordando. — Mas se você continuar desse jeito, seus pais suspeitarão que exista algo de errado. Sua mãe já está desconfiada!

— Sim Alice. Vou ver se consigo sair um pouco desse quarto, mas ainda é muito recente. Quando fecho os olhos é como se aquele monstro fosse aparecer em minha frente novamente. Ainda estou com muito medo.

— Você deveria ter acompanhamento psicológico, mas em todo caso precisaria contar o que aconteceu, e isso você não quer — comentou David.

Ao irem embora, os dois ainda conversaram com os pais de Samantha e garantiram que não havia nada de errado com ela, embora eles não acreditassem nisso.

Capítulo 8

Ainda naquela noite, o assassino estava andando pelas ruas da cidade com seu Ford Crow Victoria procurando mais uma vítima. Ele vagou por algumas horas e já estava quase desistindo, pois não encontrava nenhuma mulher vestindo saias. De repente ele viu alguém acenando; Era uma mulher de aparentemente trinta anos, pele morena clara e cabelos escuros. Vestia uma minissaia e, pela maquiagem carregada deveria ser uma prostituta. Imediatamente ele parou o veículo.

— Pode me levar até a região sul? — perguntou ela com um sorriso no rosto.

— Claro! — disse ele prontamente.

Assim que Julie entrou no táxi e passou o endereço para ele, ela apanhou seu celular na bolsinha e ligou para alguém, entabulando uma longa conversa. E pelo teor do assunto, parecia ser uma amiga. Talvez uma amiga de profissão, pois ela parecia contar os detalhes de seu

último trabalho, e detalhes sórdidos por sinal, ela nem se importava com a presença dele ali dirigindo o táxi.

O assassino sabia perfeitamente onde ficava o endereço, mas tomou outra direção.

— Moço! — Este caminho está errado!

— É um atalho, por aqui é mais perto. — justificou, tentando ganhar tempo.

Ela aceitou a desculpa e continuou tagarelando com a amiga ao telefone, sem imaginar o que estava prestes a acontecer.

Depois de algum tempo, Julie percebeu que aquilo não era um atalho, enquanto ele continuava indo para outra direção e de repente parou o carro em um local deserto.

— Por que parou aqui, moço? O senhor disse que estava indo por um atalho, mas este lugar fica muito longe de onde eu moro.

O assassino não respondeu nada, apenas retirou o revólver da cintura e mostrou para Julie que já havia desligado o celular. Se não o tivesse feito, poderia avisar sua amiga de que estava em perigo.

— Não grite! — disse ele.

Como ela poderia gritar se estava paralisada de tanto medo? Mal conseguia respirar.

— Tire a roupa — ordenou ele, apontando a arma para ela.

Julie ficou sem reação, e deduziu que estava nas mãos de um estuprador. Seria ele; o assassino que assombrava Nova York e estava em todos os jornais?

— Você não ouviu moça? Eu mandei tirar a roupa — esbravejou ele.

Julie estava acostumada a ficar nua na frente de seus clientes, mas não tinha reações diante da situação daquele momento.

O assassino, furioso com a desobediência, desceu do carro e foi para a parte de trás do veículo. Julie saiu de seu transe e tentou chutá-lo com os pés. Mas foi inútil, ele segurou suas pernas e rapidamente alcançou seu pescoço, apertando fortemente. Julie sentiu a respiração sumindo aos poucos, sentia que estava morrendo. O brilho de seus olhos foi se apagando aos poucos. Desta vez não cometeria o mesmo erro, o assassino só parou quando se extinguiu o último sopro de vida naquele corpo.

Agora ele poderia fazer o que queria tranquilamente; deixá-la nua e ver o que aquele corpo tinha de especial para ser vendido como mercadoria. Ele retirou a blusa, deixando os seios à mostra. Não eram de se jogar fora. Em seguida tirou a saia, deixando a calcinha vermelha fio dental aparente. Ele retirou a mesma com medo de que estivesse suja de sêmen, mas felizmente estava limpa. Ela deveria ter tido o cuidado de usar preservativo enquanto se prostituía.

O assassino guardou a calcinha no bolso e deixou as roupas sobre o banco do veículo. Admirou o corpo por alguns minutos, mas não sentiu vontade de estuprá-la. Sua tarefa já estava cumprida. Ele olhou para a rua e viu que estava deserta, então abriu a porta do carro e colocou o corpo nu sem vida sobre o asfalto frio. Desta vez não deixaria as roupas jogadas junto do corpo, aliás, não deixaria nada que pudesse identificá-la. Levaria tudo; roupas e seu celular. Depois jogaria em qualquer lugar e guardaria apenas a calcinha.

Ele entrou no carro e foi embora com sensação de dever cumprido. Tinha mais uma calcinha para sua

coleção e ainda havia retirado uma prostituta das ruas de Nova York. Sorriu de prazer.

O corpo de Julie foi encontrado apenas ao amanhecer; uma senhora abriu a janela de casa e se deparou com o corpo nu sobre o asfalto. Desesperada com o que viu, a pobre mulher deu um grito que foi ouvido por toda a vizinhança. E imediatamente, ela ligou para a emergência, na esperança de que a mulher ainda estivesse viva.

As equipes de resgate e da polícia chegaram ao local rapidamente, mas infelizmente nada podia ser feito, pois a pobre Julie estava morta há algum tempo. Na verdade há algumas horas. A perícia começou a fazer o seu trabalho, e em seguida Scott e Alfred chegaram ao local.

— Ele atacou novamente! — exclamou Scott, desapontado, olhando para o corpo sem vida estirado no asfalto, como se fosse um animal.

— Ainda é cedo para dizer, mas a sua afirmação faz sentido. Porém, nós temos algumas características diferentes aqui: o corpo está totalmente nu, e todas as

roupas desapareceram.

— O assassino pode ter desovado ela neste local e levado suas roupas para dificultar a identificação. — constatou Scott.

— Já pode dizer como ela morreu? — perguntou ele ao perito que colhia as provas no local.

— Estrangulada! Não tem nenhuma perfuração, e suspeito também que a moça foi estuprada.

— Será que nosso homem mudou seu jeito de matar? Ou estamos diante de outro assassino?

— Duvido muito Alfred. Acho que ele apenas quer nos despistar, isso é muito mais provável.

— Impossível identificá-la, desta vez não temos nenhuma roupa, celular ou documento — comentou o perito.

— Vamos aguardar e ver se temos a notícia de alguém que está desaparecida, caso contrário, nós teremos que tentar identificá-la através das digitais — comentou Scott.

Ainda naquela manhã, uma mulher apareceu no departamento de polícia. Seu nome era Carol.

— Quero fazer uma queixa. — Disse ela à polícia. E contou que a sua amiga Julie estava desaparecida desde a noite anterior.

— O que a leva a acreditar que a sua amiga está desaparecida? — perguntou Alfred.

— Nós nos falamos pelo celular ontem, depois que ela havia atendido um cliente e depois pegou um táxi para retornar para casa.

— Um táxi! Que cliente?

— Nós duas somos prostitutas e moramos juntas. E ela disse que estava voltando para casa, mas o dia amanheceu, e ela não apareceu. Tentei ligar no celular, mas não consegui; parece que está desligado.

— Aguarde um pouco aqui, vou chamar o detetive Scott e ele te acompanhará até o necrotério.

— Não estou entendendo! — disse Carol assustada.

— Uma mulher foi encontrada morta logo pela manhã, infelizmente ela pode ser a sua amiga. Ela estava totalmente nua e não tinha nada que permitisse identificá-la.

Carol não queria acreditar que aquilo fosse verdade. Assim que Scott chegou, ele a acompanhou até o local onde estava o corpo.

Os dois entraram no necrotério e viram o corpo, o qual estava coberto por um lençol branco. Carol não queria acreditar que sua amiga estava ali. Pediu a Deus para que fosse outra pessoa, pois a sua melhor amiga não poderia estar morta.

— Está preparada? — perguntou Scott.

Ela balançou a cabeça, concordando preparada para o pior. Em seguida o funcionário retirou o lençol, deixando o corpo exposto. Carol viu a sua amiga morta e saiu correndo do lugar chorando.

Os dois retornaram para o departamento, e depois que a pobre mocinha se acalmou, eles colheram o seu depoimento. Agora Scott só precisava esperar o resultado da perícia, a qual confirmaria ou não, se Julie havia sido estuprada.

No dia seguinte a perícia já havia concluído o laudo; Julie havia feito sexo pouco antes de ser morta. No entanto, havia usado preservativo. Provavelmente tinha

mantido relações sexuais com o cliente da noite, pois não existia sinal de sêmen em seu corpo. Tudo indicava que o colecionador foi o responsável por mais aquele crime. Scott estava preocupado com o rumo das investigações, pois o número de provas aumentava a cada dia, mas a lista de mulheres mortas aumentava quase na mesma proporção.

Capítulo 9

Três dias depois...

— Então vocês já tem uma pista do assassino? — perguntou Eve.

— Sim. — A perícia já conseguiu identificar a localidade do endereço de IP de onde foram postadas aquelas fotos, talvez ainda hoje nós tenhamos a ordem judicial e poderemos ir ao local tentar prender o assassino. De qualquer maneira, nós já estamos monitorando o lugar, e se ele aparecer com o táxi; nós o pegamos! — respondeu Scott.

— E se ele não aparecer?

— No mínimo vamos encontrar provas que o incriminem e que possivelmente sejam capazes de identificá-lo.

— E a moça que sobreviveu querido? Como ela está?

— Está bem! Eu diria que está conseguindo

superar o trauma, afinal ela mora sozinha. Ainda está com medo, mas o local onde ela mora é bastante seguro, creio que ela não corre perigo.

— Você acredita que ele também seja o responsável pelo último crime?

— Alfred acredita que pode ser um assassino de prostitutas, ou simplesmente algum cliente que resolveu se livrar dela por algum motivo. No entanto, a amiga dela disse que as duas conversaram ao telefone naquela noite, e ela disse que estava em um táxi. Para mim isso já basta, afinal não acredito que seja uma simples coincidência.

— Nenhuma testemunha ocular?

— Infelizmente não! — É incrível, minha querida, mas ele nunca é visto e não deixa pistas. Acredito que isso se deve ao fato de utilizar o táxi, por isso ninguém imagina que é um terrível assassino.

Naquela tarde...

No prédio localizado na região periférica de Nova York escolhida para a investigação não havia nenhuma movimentação estranha, muito menos algo que pudesse indicar que o criminoso estivesse ali. No entanto, Scott já

tinha em mãos a autorização para entrar no local. Um grupo de policiais oferecia apoio do lado de fora do prédio, caso alguém suspeito aparecesse. E com o detetive, entraram mais dois homens para a vistoria.

A construção de dois pisos não tinha porteiro e nenhum sistema de segurança, então Scott, Peter e Fred se apresentaram a um dos moradores e avisaram que o prédio inteiro seria vasculhado. Inclusive que eles vistoriaram todos os apartamentos que estavam ocupados, não houve resistência, porém nada de suspeito foi encontrado. Quando eles finalmente chegaram à última porta, perceberam que a mesma estava trancada.

— Mora alguém aqui? — perguntou Scott a um dos moradores que acompanhava a operação a uma distância segura.

— Sim! — respondeu o homem.

— Vocês o conhecem?

— É um rapaz que trabalha de motorista de táxi, mas ele quase não é visto por aqui, seu detetive! E quando está em casa, fica o tempo todo trancado.

Scott não tinha dúvidas de que, atrás daquela porta,

encontraria todas as provas que procurava para chegar ao assassino. Como a mesma estava trancada, eles precisaram a arrombar.

O local tinha apenas uma cama, um armário, uma mesa com duas cadeiras, onde estava um computador e também tinha um refrigerador. O computador seria levado para a perícia, a fim de investigação, intuindo desbloqueá-lo e tentar encontrar alguma prova nos arquivos. Como o recinto tinha poucos móveis, não havia muita coisa para investigar, mas eles coletaram alguns utensílios que poderiam conter impressões digitais, e por último restava apenas o armário; o qual aparentemente era usado para guardar roupas. Havia apenas roupas masculinas, mas quando Scott abriu uma das gavetas; teve a grande surpresa: seu interior estava cheia de peças íntimas! Várias calcinhas de todas as cores e modelos. Algumas idênticas as que ele viu na internet, inclusive a calcinha da Ingrid e também aquela suja de sangue que o maníaco havia fotografado recentemente. Os três olharam para aquilo, um tanto quanto surpresos, afinal eram muitas peças. Provavelmente de mulheres assassinadas por ele.

— Bingo, rapazes! Achei o que nós procurávamos!

— comemorou Scott.

— Será que todas as mulheres que usavam essas peças foram assassinadas? — perguntou Peter.

— Não acredito nisso, pois são muitas! Eu acho que ele deve ter conseguido de outra maneira. Agora tudo o que nós temos a fazer é recolher todas as peças, pois vamos entregá-las para a perícia que comprovará ou não se elas pertenciam às mulheres assassinadas recentemente. Ingrid também poderá confirmar se a dela está aqui. Depois disso tudo é uma questão de tempo para que o peguemos.

Enquanto isso, do lado de fora...

O assassino havia deixado o táxi em um local bem distante para que não levantasse suspeitas. Como de costume ele utilizava um carro de passeio normal, um modelo Nissan Sentra de cor preta, com vidros escuros que não permitiam enxergar de fora para dentro do veículo. Quando ele se aproximou do local onde morava, percebeu a movimentação e os carros da polícia. Ele tinha certeza absoluta de que haviam encontrado o seu

esconderijo. Como o veículo tinha os vidros escuros, ele não se preocupou e continuou o percurso normalmente. Segundos depois ele viu quando Scott deixava o prédio com uma caixa nas mãos.

— Aquela vadia me paga! — esbravejou ele, e em seguida saiu a toda velocidade em direção a Avenida Madison.

O sol estava quase se pondo e a sombra da noite começava a cobrir a cidade com seu manto negro. Os policiais já não estavam vigiando a rua. Ingrid resolveu descer e ir até a esquina comprar alguma coisa para comer. Desde quando tudo aconteceu, ela nunca mais havia saído para caminhar ao escurecer, mas ainda estava cedo, e certamente não teria perigo algum. Ela andava tão distraída que nem percebeu o carro parando, logo a sua frente. Afinal ela ficaria assustada, se visse um táxi igual ao do assassino, mas não era o caso. Ingrid só se deu conta do que estava acontecendo quando sentiu algo sendo colocado contra suas costas e uma voz dizendo para ficar quieta. Nem precisaria, pois quando ela viu o rosto do assassino, ficou pálida e perdeu a fala.

— Não grite ou você morre aqui mesmo! E finja que nós somos amigos e entre no meu carro — disse ele, conduzindo Ingrid calmamente.

Ele não estava brincando, pois o revólver contra as suas costelas não deixava dúvidas do que ele seria capaz. Ela obedeceu e entrou na porta traseira do veículo, ele entrou junto e imediatamente pegou um rolo de fita e imobilizou as mãos dela.

— Será que preciso amarrar sua boca também?

— Por favor, não! Se vai me matar faça logo, acabe com isso! — desesperou Ingrid chorando.

— Calma aí! Não vai ser assim tão fácil não boneca!

— O que você quer de mim? Você já conseguiu o que queria naquele dia.

— Consegui, mas você escapou e contou tudo para a polícia! E agora eles acharam o meu esconderijo e levaram toda a minha coleção, e você vai pagar por isso. Quando você escapou com vida poderia ter ficado de boca fechada, e nada disso estaria acontecendo agora. É tarde demais para se arrepender!

— Você tentou me matar e tirou a vida daquelas mulheres, tem que pagar por isso. Você é louco!

— Quero ver aquele detetive medíocre colocar suas mãos em mim! Scott é o nome dele, não é mesmo? Ele ia lhe visitar hoje à noite?

— Não! Ele nunca aparecia durante a noite.

Incrédulo, o assassino deu de ombros, pois tinha certeza de que a moça estava mentindo. Então ele passou entre os assentos e assumiu a direção.

— Vamos fazer uma visita ao seu apartamento. Você acha que alguém desconfiará se você chegar acompanhada e disser que sou um amigo?

— Provavelmente não.

— Ótimo! Vamos rodar um pouco por aí, assim que você se acalmar, nós vamos até lá.

Ingrid não fazia a mínima ideia do que o assassino pretendia fazer em seu apartamento. Mas ela sabia que desta vez, não teria a mesma sorte; ele não a deixaria escapar com vida. Provavelmente ele a estupraria e lhe daria um tiro antes de ir embora.

E assim ele fez; rodou pela cidade até que Ingrid se

acalmou. Quando eram aproximadamente nove horas da noite, ele parou o carro na Avenida Madison. Ele olhou para ela e percebeu que ainda não sabia seu nome.

— Qual é o seu nome? Sem brincadeiras, ok?

Quero o nome real.

— Ingrid.

— Bonito nome, assim como você. Ouça bem Ingrid, nós vamos até seu apartamento, e se alguém perguntar alguma coisa, diga que sou seu namorado e que me chamo Alex. Tudo bem? E não tente dar uma de espertinha ou vai se arrepender!

— Tudo bem! — disse ela, pensando em alguma forma de conseguir se livrar daquele louco enquanto ele soltava suas mãos.

Para total desespero de Ingrid, justamente naquela noite havia um porteiro novato e ele não a conhecia e jamais desconfiaria de que existia algo de errado acontecendo. Os dois entraram sem problemas, e Ingrid não teve coragem de gritar. Logo, eles chegaram em seu apartamento.

— Perfeito! Abra a porta. Você mora sozinha, não

é?

— Sim!

— Muito bem! Agora arrume uma bolsa, não muito grande para não chamar a atenção. Não quero levantar suspeitas na portaria.

Ingrid abriu o armário e mostrou uma bolsa e depois outra, até que Alex concordou com o tamanho.

— Perfeita! Agora abra a sua gaveta de calcinhas — ordenou ele de arma em punho.

Ingrid obedeceu.

— Que maravilha! Coloque todas dentro da bolsa e vamos embora.

Ingrid colocou tudo dentro da bolsa, então perguntou se poderia pegar o celular, logicamente ele negou, e os dois deixaram o apartamento. Eles saíram abraçados como um casal de namorados para não levantar nenhuma suspeita. Mais uma vez, Ingrid pensou em gritar, mas o porteiro não andava armado; seria muito arriscado. Então eles passaram tranquilamente pela portaria. Em seguida, entraram novamente no carro, e ele amarrou as mãos dela novamente. Por fim, os dois saíram, sem ela

saber para onde estava sendo levada.

Enquanto isso...

Scott retornou para o departamento, mas deixou dois homens de plantão, caso o assassino retornasse ao esconderijo. Ele entregou todos os materiais para a perícia analisar e encerrou as atividades naquele dia. Estava a um passo de colocar as mãos no assassino. Estava feliz com a evolução das investigações, e também por não terem ocorrido novas mortes que poderiam ser atribuídas ao colecionador.

Em uma cabana abandonada um pouco distante dali...

Ingrid não fazia a mínima ideia de onde estava, mas tinha certeza de que estava em um local completamente isolado, portanto ela não teria a mínima chance de escapar dali. Logo que entraram na cabana, o assassino trancou a moça em um dos quartos e soltou as mãos dela, mas não disse uma única palavra. O lugar era rústico por fora, mas bastante aconchegante por dentro. No quarto havia uma cama de solteiro, um armário, uma mesinha, um balcão e um pequeno banheiro. A janela era

protegida por grades de ferro, logo, não havia a menor chance de fugir por ali. A única saída seria pela porta do quarto, e ela estava bem trancada.

Ela estava com medo, com fome e frio, mas nada a angustiava mais do que imaginar o que aconteceria dali para frente. Talvez fosse melhor ter ficado de boca fechada, ou que tivesse morrido naquela noite. Qual seria o tipo de tortura ao qual seria submetida por aquele monstro, antes que lhe tirasse a vida?

De repente Ingrid escutou ruídos na porta, a qual se abriu. Alex segurava a arma em punho e uma sacola na outra mão. Ele mostrava um olhar sombrio como na noite em que ela pensou que seria morta. E imaginou que naquele momento, seria o fim.

— Fique de pé — ordenou ele.

Ingrid estava sentada na cama e, ainda tremendo, obedeceu, ficando em pé no mesmo momento.

— Se tiver fome, coma isso! — disse ele, colocando a sacola em cima do balcão.

— Não estou com fome. O que você vai fazer comigo? Se vai me matar, por que não faz isso logo? —

arriscou tentando demonstrar que não estava com medo.

— Quando soube que você havia escapado com vida e que me denunciou à polícia, era isso o que eu queria mesmo; acabar com a sua vida. Eu lhe estupraria e depois cortaria a sua garganta, mas agora tenho outros planos. Erga a saia.

Ingrid tinha certeza de que ele a estupraria, e seria um milagre, se ela escapasse mais uma vez. Ingrid hesitou por alguns segundos, mas obedeceu.

— Linda! É uma peça maravilhosa! Tire a calcinha e me dê.

Ela sabia que não poderia contrariá-lo, isso se quisesse ter alguma esperança de ser encontrada ainda com vida. Então, ela então tirou a peça lentamente e entregou nas mãos de Alex. Assim que ele pegou a calcinha branca rendada, cheirou-a profundamente. Era como se apreciasse o mais agradável perfume da face da Terra.

— Tome banho e depois vista esta. — ordenou ele, retirando outra calcinha do bolso. Era uma das calcinhas que Ingrid havia colocado em sua bolsa quando estava no

apartamento.

Ingrid pegou a sua própria lingerie azul bebê e abaixou a saia, tentando esconder a nudez enquanto Alex a observava. Na sequência ele saiu trancando a porta.

Ela então jogou seu corpo na cama e caiu em prantos. Aproximadamente meia hora depois, e um pouco mais calma e morrendo de fome, Ingrid pegou a sacola para ver o que tinha dentro: dois pães de sal recheados com queijo e uma refeição embalada. Seu estômago revirou, mas precisava se alimentar. Afinal ela não queria morrer de fome. Ela comeu, mas deixou os pães, afinal não sabia se teria mais comida no outro dia.

Estava cansada e sentindo-se imunda. Assim que ela terminou de se despir, entrou no chuveiro e por sorte a água era quente. Minutos depois, ela se secou na toalha que estava ali e saiu do banheiro. Ficou paralisada por alguns segundos quando se deu conta de que não tinha roupas limpas para vestir; nada além de suas calcinhas que estavam em poder do assassino. Ingrid vestiu a calcinha que ele a havia entregue, vestiu a saia e a blusa sujas ou ficaria seminua. Não tinha costume de usar sutiã,

pois ela possuía peitos muito pequenos. Exausta, a moça deixou-se cair na cama e fechou os olhos, tentando adormecer.

No outro dia...

Ingrid acordou com os raios de sol, iluminando seu rosto, e por um momento pensou que estava tudo bem, e que tudo não passou de um sonho. Mas ao abrir os olhos, ela se deu conta de que estava trancada naquele lugar com apenas a roupa do corpo. Do lado de fora nenhum barulho se ouvia; ou o assassino estava dormindo ou havia deixado o local para buscar alguma coisa. Ela então examinou melhor onde estava, mas não havia como fugir dali, usando apenas as mãos.

Capítulo 10

Assim que chegou ao departamento naquela manhã, Scott pegou o telefone e ligou para Ingrid. Ele precisava que ela fizesse o reconhecimento da roupa, encontrada no esconderijo do assassino. No entanto, o telefone tocou até a ligação cair. Intrigado, o detetive ainda tentou várias vezes durante aquela manhã, mas Ingrid não atendeu. Scott achou aquilo estranho e, como não conseguiu falar com a moça ao telefone, resolveu ir pessoalmente até seu apartamento após o almoço.

Chegando à portaria, ele pediu para ser anunciado, mas ela também não atendia ao interfone. Scott estranhou o fato. Se ela saiu, por qual motivo não havia levado o celular? Ou então por que não o atendia?

— Será que a senhorita Ingrid saiu cedo e ainda não retornou? — questionou o detetive, bastante intrigado.

— Não senhor! — respondeu o porteiro do turno. — estou aqui desde as seis horas da manhã e não a vi, a

não ser que ela saiu antes deste horário — disse o porteiro que a conhecia.

— Neste caso, tem algo de errado, pois ela não atende o celular desde cedo. Posso verificar lá em cima?

— Sem problemas, fique à vontade. — respondeu o rapaz, após ver o distintivo de Scott, confirmando ser de cunho da justiça. — Creio que o local esteja em ordem, caso contrário, a segurança já teria sido acionada.

Scott agradeceu e se dirigiu até ao apartamento dela e constatou que realmente a porta estava trancada e sem sinais de arrombamento. No entanto, ele notou que havia câmeras de segurança no local. Se algo houvesse acontecido com Ingrid, certamente não poderia ter passado despercebido pelas câmeras.

— O sistema de monitoramento está funcionando normalmente? — perguntou Scott, após retornar a portaria.

— Sim! Perfeitamente! Através deste monitor, nós podemos ver os principais pontos de acesso aos apartamentos.

— As imagens ficam arquivadas?

— Sim! — respondeu o porteiro.

— Vou solicitar uma cópia das imagens das últimas vinte e quatro horas. Desculpe-me a insistência e sei que o local é bastante seguro, mas é muito estranho que Ingrid tenha saído de casa, ou viajado sem avisar a polícia. De qualquer maneira, eu vou deixar o meu cartão, se ela aparecer, por favor, peça que me ligue imediatamente.

— Pode deixar; que eu lhe aviso, senhor Scott — disse ele, olhando para o cartão.

O trabalho da perícia não seria rápido como Scott desejava, mas certamente seriam encontradas as impressões digitais que poderiam identificar o assassino. Assim que chegou ao departamento, Scott solicitou a Alfred que fizesse os procedimentos legais para solicitar as imagens do prédio, onde Ingrid morava, e também a vistoria de seu apartamento, caso não tivesse notícias da moça até a manhã seguinte.

O mais estranho é que o assassino também não havia retornado ao esconderijo. Scott pressentia que algo de muito ruim estava acontecendo.

Enquanto isso, no cativoiro...

Alex havia deixado comida novamente para Ingrid, mas apenas isso, entrou calado com a arma na mão e saiu sem dizer uma palavra. Ingrid tinha vontade de gritar, mas certamente que ninguém poderia ouvi-la.

O sol já estava se pondo quando ela ouviu a porta se abrindo novamente. Alex mais uma vez, trazia comida, mas não abandonava sua arma, a qual ele segurava em uma de suas enormes mãos.

— O que você vai fazer comigo? Por favor, me deixe ir embora que eu não contarei mais nada para a polícia! Eu juro!

— Você já me enganou uma vez, moça! Que motivos eu teria para acreditar em você? — duvidou ele, impaciente. —Vamos logo, erga a saia e me dê a sua calcinha!

Ingrid custava a acreditar no que estava acontecendo. Será que ela havia entendido tudo errado? Ou será que ele queria recuperar a coleção de calcinhas usadas, as suas custas? Sem escolha, ela fez o que ele pediu, ficando seminua. Meio constrangida, Ingrid entregou a calcinha a ele. E como de costume, Alex

repetiu o estranho ritual: pegou a peça em suas mãos como se fosse uma relíquia e mais uma vez, cheirou com prazer o pequeno pedaço de pano. Segundos depois, ele lhe entregou uma calcinha limpa para que ela pudesse vestir.

— Apenas uma calcinha? Eu preciso de roupas limpas — indagou Ingrid.

— Não tenho loja de roupas! Se você quiser; lave essa no banheiro e deixe secar, ou use apenas a calcinha se preferir — dizendo isso, Alex saiu, trancando a porta.

Ingrid sabia que ele falava sério; não tinha mesmo cara de quem iria a uma boutique e lhe traria um monte de roupas novas. Muito menos que retornaria a seu apartamento apenas para buscar suas roupas, correndo risco de ser pego. Ela ainda poderia usar aquela roupa por mais algum tempo, caso ela não fosse resgatada, esta seria a sua única alternativa: lavar a roupa e ficar apenas de calcinha, enquanto a roupa secava. Isto era uma tortura, e talvez fosse melhor, não ter sobrevivido ao primeiro ataque do assassino.

No outro dia...

Ainda pela manhã Scott e seus dois companheiros

foram até ao prédio onde Ingrid morava. Ela continuava sem atender as ligações, e tampouco não foi vista na portaria do prédio. Scott solicitou a cópia das imagens da câmara de segurança e também a chave reserva para que pudesse investigar o apartamento e ver se havia algo de errado.

Assim que ele colocou a chave na porta, percebeu que a mesma não estava trancada pelo lado de dentro, isso indicava que Ingrid realmente havia deixado o local. Tudo parecia estar em seus devidos lugares... O celular já com a bateria descarregada, repousava sobre a mesa. A cama arrumada indicava que Ingrid não passou a noite ali, ou saiu logo pela manhã. A única coisa estranha que Scott e seus colegas perceberam foi que uma das gavetas do guarda-roupa estava aberta.

Após colocar as luvas, Scott abriu as outras gavetas e também as portas do guarda-roupa. Toda a roupa de Ingrid estava lá, mas o fato é que não existia nenhuma peça íntima. Provavelmente foram levadas da gaveta que estava vazia.

— O assassino esteve aqui! Ingrid corre perigo! —

exclamou Scott, alarmado.

Em poucos minutos, eles deixaram o local com as imagens do circuito interno para serem analisadas.

Já no departamento...

— Alfred? Tem alguma informação sobre o assassino?

— Nada de novo. Ele não retornou ao esconderijo, provavelmente soube ou viu vocês invadindo o local. Não acredito que vá retornar para lá.

— Também não acredito. Ingrid desapareceu e, junto com ela, uma gaveta cheia de calcinhas. Eu imagino que ele a pegou.

— Mas como ele conseguiu entrar no prédio? — perguntou Alfred.

— É isso o que vamos ver agora — disse ele, colocando o DVD no leitor do computador.

— Vou iniciar depois do horário que eu saí do prédio. Vamos ver se Ingrid saiu acompanhada ou não.

Aproximadamente uma hora depois, Ingrid apareceu na imagem. Estava desacompanhada e parecia descontraída, porém, não levava nada nas mãos; o que era

muito estranho. Scott avançou alguns trechos, até que finalmente encontrou o que queria... Ingrid retornou, mas desta vez estava acompanhada de um homem. Ela passou pela portaria e subiu para o apartamento. Pouco tempo depois, os dois retornaram abraçados e Ingrid carregava uma bolsa. A imagem não estava muito nítida devido à distância, mas a perícia conseguiria transformar aquilo em foto, a qual ajudaria a identificar aquele homem. Uma coisa era certa: Scott não tinha dúvidas de que aquele era o assassino, e que na bolsa que Ingrid carregava, estavam todas as suas calcinhas. Ele precisava correr contra o tempo, se quisesse encontrar Ingrid ainda com vida.

— Como é que isso foi acontecer? Ingrid estava sob a nossa responsabilidade e agora está nas mãos do assassino outra vez! Acho bom que ela seja encontrada com vida, ou você será rebaixado de cargo! — zangou-se o seu superior quase derrubando sua xícara cheia de café.

— Estamos fazendo tudo o que é possível Alfred. Já conseguimos encontrar o esconderijo e as impressões digitais, agora também já temos a imagem que poderá identificar o assassino. Além disso, não temos notícias de

que ele atacou novamente, tudo é uma questão de tempo até que nós o encontremos. — justificou Scott, tentando se acalmar. Afinal o tempo urgia.

— Espero que sim. De qualquer maneira, nós precisamos noticiar o desaparecimento de Ingrid. Alguém pode ter visto alguma coisa e ajudar nas investigações. Vou dar uma coletiva para a imprensa. — comunicou o outro, acalmando-se.

Scott concordou com Alfred, mesmo achando que aquilo não seria tão útil, pois ao mesmo tempo poderia informar ao assassino o que a polícia já sabia. De qualquer forma, ele acreditava que o assassino já estava sabendo de tudo, caso contrário, ele não teria sequestrado Ingrid tão facilmente.

Aquele era o terceiro dia de cativeiro de Ingrid, e ela estava entediada, pois não havia absolutamente nada para fazer naquele quarto, a não ser dormir e esperar o tempo passar. Como ela sentia falta da internet e de seus livros! Alex, se é que esse é o seu verdadeiro nome, não lhe deixava faltar comida e água, trazendo duas vezes ao dia. No entanto, ela não tinha roupas limpas, somente

calcinhas, as quais ele lhe entregava a cada dia.

Mas o que mais angustiava a pobre moça é o fato de não saber o que aconteceria com ela nos próximos dias. Se a intenção dele é que ela usasse todas as calcinhas, isso levaria nada menos do que trinta dias, pois era esse o número de calcinhas que Ingrid guardava em sua gaveta. E milhões de coisas passavam pela cabeça de Ingrid...

O que aconteceria depois? Ele a estupraria e a mataria e sairia dali com sua coleção, caso a polícia não os encontrasse?

— Preciso arranjar um jeito de fugir daqui... Mas como? — pensava Ingrid, olhando ao seu redor, analisando a porta, a janela e as paredes do recinto, mas seus pensamentos foram interrompidos quando a porta se abriu, e mais uma vez Alex trazia uma sacola com a sua refeição e a arma na outra mão.

A única maneira de tentar fugir dali seria uma distração dele, mas para isso, ela precisava fazer com que ele deixasse a arma em algum lugar. Ingrid não imaginava que isso seria possível, a menos que ele a estivesse

estuprando, mas nesse caso, ela estaria imobilizada.

— Tire a calcinha — ordenou ele, friamente.

— E se eu não quiser?

— Então eu tiro a força, ou melhor, não lhe darei uma calcinha limpa enquanto não me der a que está usando — disse Alex com um sorriso sarcástico em seu rosto redondo.

Como não tinha escolha, Ingrid repetiu o mesmo ritual: ergueu a saia e tirou a calcinha, entregando a mesma para ele. Desta vez os olhos de Alex ficaram mais tempo, apreciando o corpo seminu de Ingrid. Talvez existisse uma única chance de tentar fugir, mas aquela ideia era absurda e lhe dava arrepios. Sem contar que ela não sabia se seria capaz de tamanha barbaridade.

Alex lhe entregou a calcinha limpa e deixou o quarto.

Na manhã seguinte...

David folheava o jornal, e na página policial a notícia estampada lhe chamou a atenção... Dizia que a vítima, que havia escapado com vida do serial killer mais procurado dos últimos tempos, estava desaparecida. E

também que as câmeras de segurança registraram a vítima em questão deixando o apartamento, acompanhada de um homem; provavelmente o assassino. E a notícia ainda informava que a polícia está a um passo de identificá-lo, e se alguém tiver alguma pista que possa levar ao assassino deve ligar para o número informado.

David sabia que Samantha poderia contribuir e ajudar a polícia a encontrar mais rapidamente o fugitivo, mas para isso, seria preciso convencê-la a mudar de ideia. Talvez o fato de existir uma pessoa em perigo fosse suficiente. Pensando nisso, ele decidiu que pediria a ajuda de Alice. Quem sabe desta vez, eles teriam êxito? Samantha não era mais a mesma depois do ocorrido, e ajudar a prender o assassino talvez lhe deixasse um pouco melhor.

Capítulo 11

Após terminar de ler a notícia sobre o colecionador de calcinhas, ele ligou imediatamente para Alice.

— Alice!

— Olá David! Por que está me ligando a essa hora da manhã?

— Bom dia meu bem. Desculpe, devo ter te acordado, mas você leu algum jornal de hoje?

— Ainda não, querido! E você acabou sim, de me acordar! Aconteceu alguma coisa? Não me diga que eles prenderam o assassino?

— Infelizmente não, linda! Mas sabe aquela moça que escapou com vida do assassino, colecionador de lingerie?

— Sim! O que tem ela?

— A pobre está desaparecida há alguns dias. Eles a viram saindo acompanhada por um homem, e desde

então, ela não foi mais vista. A polícia suspeita que seja o assassino quem a raptou. Acredita?

— Nossa! David do céu! Coitada da moça.

— Sim, sim. Ouça meu amor: nós precisamos convencer a Samantha a ir à polícia e denunciar o que aconteceu com ela. Aposto que o depoimento dela ajudará a polícia a encontrar o assassino. E quem sabe a moça ainda esteja viva?

— Não sei não, David. Samantha foi bastante clara quando disse que não queria colocar a vida dela em risco. Acho difícil que ela mude de ideia. Também pudera; o assassino sabe onde ela mora, amor! Ah, eu também ficaria morrendo de medo de dizer uma só palavra!

— Sim Alice. Mas por outro lado, se ele for preso, ela vai ficar tranquila, sem medo de que ele venha atrás dela, ou simplesmente de sair na rua e ser atacada novamente por ele, como aconteceu com a outra vítima. Nós podemos tentar. Você me acompanharia na casa dela hoje à noite?

— Sim! Você pode me pegar as oito.

Ainda naquela tarde, Scott já tinha os primeiros

resultados da perícia: as impressões digitais encontradas no esconderijo do assassino, nas calcinhas e no apartamento de Ingrid, as quais são idênticas, porém ainda seria preciso confrontar os dados, a fim de descobrir a identidade do assassino. A imagem do vídeo também já estava pronta.

O homem que acompanhou Ingrid e saiu com ela de seu apartamento, era moreno claro, cabelos castanhos curtos e estatura mediana; aparentemente 1,75 m de altura. A foto dele seria divulgada em todos os jornais e noticiários. E mesmo ainda não sabendo o seu nome, seria muito mais difícil que ele conseguisse circular livremente, e principalmente cometer novos crimes. A menos essa era a expectativa da polícia.

Mais tarde, na casa de Samantha.

— Como tem passado Samantha? — perguntou Alice, genuinamente preocupada com a amiga.

— Ainda com bastante medo de sair de casa, mas acho que com o tempo vai passar. — respondeu a mocinha, enquanto tomava sua xícara de chá de erva doce. — eu queria que tudo isso tivesse sido apenas um sonho,

Alice! Ou melhor; um pesadelo, daqueles que nós acordamos amedrontados, mas depois descobrimos que nada foi real.

— Você não se sentiria melhor, se soubesse que o assassino está preso? — perguntou David, descruzando os braços e se sentando ao de Alice.

— Claro que sim! Mas ele não foi preso que eu saiba, pois tenho acompanhado o noticiário todos os dias desde a última vez que vocês estiveram aqui.

— Realmente ele não foi preso, mas você pode ajudar a polícia a prendê-lo — disse David.

— Lá vêm vocês dois com essa história de novo! — retrucou, desistindo do chá e repousando a xícara branca decorada com ursinhos na mesinha de centro. Em seguida, ela suspirou e continuou: — já disse que não quero me envolver com isso, gente!

Alice olhou para David e em seguida aproximou-se da amiga, segurando carinhosamente a sua mão:

— Oh amiga! Olha só; você acompanha o noticiário, então deve saber que a moça que havia escapado com vida está desaparecida, e que a última vez

que ela foi vista foi saindo de seu apartamento na companhia de um homem.

— Sim! Eu vi a notícia. Por isso mesmo que não quero me envolver com isso. Ela escapou e denunciou o assassino a polícia, ele ficou com raiva e voltou para se vingar, provavelmente ela já está morta e jogada em qualquer lugar por aí. — exclamou Samantha, quase chorando.

— Não seja tão pessimista Samantha. E se acalme moça, pois o seu pesadelo já acabou! A polícia está conseguindo várias informações sobre ele, e nada impede que ele acredite que você já está colaborando com a polícia. Talvez você já esteja correndo perigo e não saiba — disse David.

— Não havia pensado nisso. — deduziu ela, suspirando novamente, e parecendo menos tensa.

— A única maneira de ficar segura, é ele estando preso, Sam! E você pode colaborar com a polícia! Seu nome não precisa ser divulgado, e nem a notícia publicada em jornais, basta que você forneça as informações para a polícia — continuou David.

— Eu preciso pensar gente! Afinal, isso não é uma coisa tão simples como parece. Amanhã eu decido se vou fazer isso, mas se a minha resposta for negativa, eu quero que prometam que não vão contar nada para a polícia. Vocês são meus amigos, e as únicas pessoas que sabem disso.

— Claro! Nós não vamos fazer nada que você não queira amiga! David também viu o rosto do taxista, mesmo assim, ele não contou nada para a polícia. Tudo isso porque você nos pediu — disse Alice.

— Eu não queria envolver vocês dois nesta história, mas vocês queriam saber o que aconteceu naquela noite. Então foi inevitável.

No quarto dia do desaparecimento de Ingrid, a polícia já tinha várias pistas que poderiam identificar o assassino, mas nada que revelasse o paradeiro dela. A perícia realizou exames e concluiu que entre as calcinhas encontradas no esconderijo do assassino, também estavam calcinhas das suas últimas três vítimas, as quais infelizmente não tiveram a mesma sorte de Ingrid. Porém,

as roupas de Julie não foram encontradas em nenhum local, e foi a primeira vez que o assassino levava todas as roupas da vítima.

— Scott! Nós Já temos a identidade do assassino! Eu acabei de receber.

— Ótimo Alfred! Deixe-me ver — pediu ele, se aproximando empolgado do computador.

— Ele se chama Alexander Gonzalez, filho de um mexicano e de uma americana, nascido no Novo México, procurado pelo assassinato de uma moça com quem ele namorava. Ela desapareceu há anos e foi encontrada morta, sem parte das roupas. Como ele também desapareceu na mesma época, foi apontado como autor do crime. Isso ocorreu há dez anos.

— Excelente! Só não entendo o motivo dos assassinatos, pois nenhuma mulher foi estuprada, mas isso é o que menos importa. Vamos intensificar as buscas, pois eu tenho certeza que o pegaremos em breve — disse Scott, parecendo animado.

Alexander teve uma infância difícil: sempre

pobre, ele foi abandonado pela mãe quando tinha apenas seis anos de idade, crescendo apenas sob os cuidados do pai, o qual trabalhava o dia inteiro, deixando o menino sozinho em casa. Mas como se tornou um rapaz de boa aparência, ele logo arranhou uma namorada, na época ele tinha dezoito anos, e sua namorada apenas dezessete. Ele estava apaixonado por ela e como desejava vê-la nua, certo dia ele pediu para que Lucy tirasse a roupa na frente dele. Ela ficou com medo, pois não acreditava que ele queria apenas isso. Lucy era virgem e queria se guardar para o casamento. Alexander insistiu e, diante da negativa, ele a agarrou para tentar despi-la, mas Lucy acabou caindo e, na tentativa de se desvencilhar dele, ela bateu a cabeça no canto de um móvel.

A pobre mocinha ficou inconsciente e parou de respirar; Lucy estava morta. Ele então ergueu seu vestido, tirando a calcinha dela, vendo seu corpo nu. Alex guardou a peça íntima rosa como lembrança e antes de desaparecer, ele escondeu o corpo dela em um matagal. Aquilo deixou o rapaz traumatizado, deixando

a sequela de ficar excitado sempre que via uma mulher de saias, mas não sentia desejo de fazer sexo com elas; apenas de tirar as suas calcinhas. No início, ele apenas roubava as peças que encontrava penduradas, secando nas varandas das casas, até que finalmente voltou a pedir diretamente para as mulheres. Como ele teve o pedido negado mais uma vez, ali continuava a sua série de crimes.

Naquela noite, Alex decidiu retornar a cidade e ir até o esconderijo, onde havia deixado o táxi que utilizava para pegar suas vítimas. Pouco tempo depois de começar a rodar pelas ruas, ele avistou uma moça acenando-lhe com a mão, como ela usava saias, ele parou imediatamente. Estava com sorte, pois ela era uma bela moça, e seria a sua próxima vítima.

Jane entrou no carro e disse que precisava ir até ao Harlem. Alex, como sempre muito educado, apenas respondeu: tudo bem. Em seguida, ele começou o trajeto. Quando eles passavam pelo Central Park, ele rapidamente deu sinal e adentrou no local, fazendo a moça levar um susto.

— O que você pensa que está fazendo?

Alex parou o carro e olhou para ela.

— Meu Deus! Você é o assassino procurado pela polícia! Eu vi a sua foto no jornal! — exclamou Jane apavorada, já sob a mira do revólver.

— Nem pense em gritar ou estouro os seus miolos agora mesmo!

— Por favor! Faça o que quiser comigo, mas não me mate! — implorou Jane, vertendo em lágrimas.

— Erga a saia — ordenou ele.

Jane sabia que não deveria contrariá-lo, então obedeceu e levantou a saia, mostrando a sua calcinha vermelha.

— Perfeita! — disse Alex. — Agora tire a calcinha e me entregue.

— Não, por favor! — implorou ela com medo de ser estuprada.

— Ou você me entrega ou eu tiro a força — disse ele apontando a arma para ela.

Jane não tinha escolha, então ela deslizou a calcinha por sobre as pernas, até tirá-la totalmente e o

entregou.

Alex segurou a calcinha e sentiu seu cheiro como de costume.

— Você é uma boa moça, então eu vou deixá-la ir embora, pode sair do carro.

Jane não estava acreditando no que estava ouvindo, e pensou que fosse apenas uma brincadeira do assassino, mas, mesmo assim, ela desceu do carro e saiu correndo em direção a avenida, só esperando o momento em que sentiria uma bala, atravessando seu corpo. Ela estava tão desesperada que nem notou que ainda estava com a saia erguida. Quando já estava a certa distância, Jane ouviu o barulho do carro, indo embora em outra direção.

Jane então mais calma ajeitou a saia e pediu ajuda para a primeira pessoa que encontrou.

Alex pensou em matá-la, mas Jane colaborou bastante para que isso não ocorresse. Também de nada adiantaria eliminar mais uma testemunha, afinal além da foto dele ter saído no jornal, eles já sabiam qual era o seu rosto, talvez a polícia já tivesse até mesmo sua identidade. Estava cada vez mais arriscado praticar seus

crimes, então ele teria que agir com cuidado de agora em diante.

Mais tarde...

Ingrid ouviu o barulho do carro, parando ao lado da cabana tarde da noite. Ela pode deduzir que Alex havia saído mais cedo e só retornara agora, pois o silêncio pairava no ar todas as horas que antecederam à sua chegada. Deitada sobre o colchão, ela implorava aos céus para que fosse alguém que a tivesse encontrado, mas ela rapidamente percebeu que era simplesmente o assassino que estava de volta. Resignada, ela só teve uma opção; tentar dormir, a fim de escapar de sua tortura. Então a moça virou para o outro lado e algum tempo depois; adormeceu profundamente.

Capítulo 12

Na manhã seguinte...

Scott tomava café da manhã com Eve, enquanto conversavam.

— Como está o caso do colecionador? — perguntou ela, pois sempre queria saber como andava o trabalho do marido. Scott, ainda mastigando um pedaço de pão de mel, respondeu:

— Por incrível que pareça, querida, nós ainda não temos nenhuma pista do paradeiro do assassino, e Ingrid também não foi encontrada. Ao menos isso pode significar que ele não a matou, mas sim que está mantendo-a em cativeiro. Nós já sabemos o nome dele, inclusive temos a foto, mas ninguém viu nada, é como se ele não deixasse rastros.

— E desde o dia que ela sumiu, não houve mais crimes? — continuou Eve, enquanto tomava calmamente o seu café com leite.

— Que podemos atribuir a ele, absolutamente nenhum. Na verdade, a mulher que foi encontrada morta recentemente também pode ser uma das suas vítimas, mas ainda não temos certeza. Ela era prostituta e havia feito sexo horas antes, mas usou preservativo, segundo a autópsia. Impossível saber se ela esteve com o assassino na cama, antes de ser morta. Espalhamos fotos dele por toda a cidade, cedo ou tarde vamos encontrar alguma pista. — concluiu ele, parecendo animado com o caso. Em seguida, ele sorriu para a mulher e lhe ofereceu mais um pedaço de bolo de laranja.

— Se soubessem quando ele vai atacar, poderiam fazer uma armadilha — sugeriu Eve, aceitando o bolo e agradecendo com um beijo.

— Perfeitamente! Mas é impossível saber o local exato, onde ele procura suas vítimas, embora elas tenham sido encontradas nas proximidades do Central Park. A única maneira de encontrá-lo seria pegando justamente o táxi dele. Mas como saber onde esperar? Mesmo assim, quem serviria de isca?

— Eu poderia ajudar. — sugeriu a mulher dele,

com um sorriso enigmático nos lábios.

— Nem pense nisso Eve! — retrucou, quase engasgando com seu café preto. E, pegando com as duas mãos, a mão delicada dela entre as suas, continuou: — é muito perigoso, meu bem! Ele já matou várias mulheres. — Imagina se dá tudo errado, e ele descobre que você é mulher de um detetive? E justamente o qual está a sua procura? Certamente que ele a mataria. Não mesmo, não permitiria uma sandice dessas, Eve meu bem!

— Tudo bem, amor! — respondeu ela, sorrindo com tantos cuidados e carinho por parte do seu marido. Após mastigar o bolo e tomar um gole da sua bebida quente, ela respondeu: — Mas eu continuo achando que é uma boa ideia!

— Não quero perder minha esposa, então essa ideia está fora de cogitação.

Uma hora mais tarde...

Eve trocou de roupa e desceu para pegar um táxi. Precisava ir ao supermercado comprar algumas coisas que estavam em falta na geladeira. Ela se preparava para levantar a mão, acenando para um táxi que ia passando,

mas não o fez. Era um táxi Ford Crow Victoria. Eve olhou para sua roupa e percebeu que havia se esquecido dos conselhos de seu marido, pois ela estava vestindo saia.

Ela sabia que o assassino só atacava durante a noite, mas seria melhor não arriscar, pois todas as características eram iguais: aquele veículo era idêntico ao que o fugitivo usava, e uma mulher de saias seria mais um agravante para ela. Eve então esperou até que um táxi de outra marca passasse e então acenou com a mão para que parasse.

— Bom dia! — disse o taxista.

— Bom dia! Leve-me ao supermercado Green Apple.

— Tudo bem!

— O senhor está sabendo do assassino que utiliza um táxi para atrair as suas vítimas?

— Certamente! Não se fala outra coisa entre nós, taxistas. Depois de que essa notícia se espalhou, o movimento caiu bastante. As mulheres, principalmente estão com medo de pegar táxis. Espero que esse serial killer seja preso logo.

— Também espero — disse Eve, mas sem comentar que ela era a esposa do principal detetive do caso.

Enquanto isso, no departamento...

— Temos novidades, Scott! — disse Alfred assim que viu o colega entrando porta adentro.

— Alguma informação sobre o paradeiro de Alexander?

— Não! Mas temos mais uma vítima.

— Não acredito! Aquele desgraçado matou outra mulher?

— Desta vez não. Por mais estranho que pareça, ele deixou a moça fugir, acredita? E claro; depois de pegar o que ele queria.

— Quando foi isso, meu caro? E onde ela está?

— Foi ontem à noite, Scott! Ela pegou um táxi, e quando ele parou o carro no Central Park, ela viu que ele era o assassino. E como a moça havia visto uma foto dele no jornal, ela o reconheceu. Ele estava armado e a ameaçou, pedindo que ela tirasse a calcinha. Depois que ela fez o que ele queria, ele disse que ela poderia ir

embora. Ela desceu do carro e conseguiu ajuda. A mulher que a socorreu conseguiu convencê-la a vir à polícia. Depois de dar o depoimento, ela foi embora, dizendo que não precisava de atendimento médico. Ela disse que ele nem ao menos encostou as mãos nela.

— Central Park novamente! — Talvez seja apenas uma coincidência, mas tudo indica que ele prefere essa região e sempre ataca antes da meia-noite. Se tivesse alguém de plantão por lá, nós já teríamos pegado esse malandro, filho de uma...

— Vou deslocar um homem para a região, e se ele aparecer novamente, nós não o deixaremos escapar dessa vez — disse Alfred.

Samantha mudou de ideia e contou tudo o que havia acontecido para os seus pais. Eles ficaram horrorizados, e confessaram que sabiam que havia algo de errado com a filha, mas não imaginavam que seria de tamanha gravidade. Eles a apoiaram e ajudaram a convencer a contar tudo para a polícia.

No mesmo dia Samantha chamou David e Alice para que eles pudessem acompanhá-la até a delegacia.

Assim que eles chegaram ao local e informaram o caso em questão, imediatamente foram levados para conversar com Scott.

— Sou o detetive Scott; responsável por essa investigação.

— Meu nome é David, e esta é minha namorada Alice. Nós estamos aqui apenas acompanhando Samantha, porque ela não queria vir sozinha.

— Muito bem! — respondeu Scott, olhando a fisionomia dela. — se a senhorita não se importar, seus amigos podem acompanhar o depoimento.

— Eles podem ficar! Eu prefiro. — respondeu ela de imediato, parecendo tensa e assustada.

— Tudo bem! O que você tem a me dizer Samantha?

— Eu também fui atacada pelo serial killer.

— Na noite passada? — perguntou ele espantado, acreditando que seriam duas vítimas em apenas uma noite.

— Não! Isso aconteceu há alguns dias, mas eu tive medo de contar para a polícia. Ele disse que se eu contasse iria atrás de mim, pois ele tinha meu endereço.

— Conte como tudo aconteceu — pediu Scott.

— Naquela noite eu estava em uma festa com meus amigos, inclusive David e Alice estavam juntos. Eu não estava me sentindo bem, pois sentia muita cólica e então, David chamou um táxi. Na verdade, o carro ia passando pelo local. Eu entrei no carro e passei meu endereço. Como estava passando mal, fechei os olhos e encostei-me ao banco. Quando o carro parou, percebi que o lugar era estranho e escuro. Eu tinha certeza de que seria estuprada, afinal quando ele disse que queria apenas a minha calcinha, eu simplesmente não acreditei. Ele não me agrediu, mas pediu para que eu não gritasse. Aquele homem portava uma arma, logo eu não tinha escolha, então ergui a saia, ainda acreditando que seria violentada. Ele tirou a minha calcinha cuidadosamente e depois a cheirou, em seguida, ele guardou a mesma no paletó. Ele disse que eu fui obediente e que poderia ir embora, se promettesse não contar nada para a polícia. Ele ainda me lembrou de que sabia meu endereço e que viria atrás de mim, se eu o denunciasse. Por isso não vim antes.

— E mudou de ideia por qual motivo? —

perguntou Scott, observando o escrivão tomando nota do depoimento da mocinha.

— Meus amigos me convenceram depois que viram a notícia no jornal, sobre uma sobrevivente que está desaparecida.

— Sim! Ingrid provavelmente está nas mãos do assassino.

— Tenho aqui algumas fotos dele. — Você acredita que este homem é a mesma pessoa que te atacou? — questionou Scott, mostrando as fotos.

— É ele sim, não tenho qualquer dúvida. David pode confirmar também, foi ele quem conversou com o motorista.

— Você reconhece esse cara como o motorista daquele táxi? — perguntou Scott a David.

— Perfeitamente! Ele usava terno e quepe, mas o rosto é o dele mesmo, redondo e estranho, não tem como negar.

— Muito bem! Essas informações só corroboram com tudo o que já conseguimos até agora. O assassino utiliza um táxi, procura uma vítima que use saias, pede

para que ela lhe entregue a calcinha, mas quando tem o pedido negado, ele mata a vítima. Porém, quando as mesmas colaboram e prometem não denunciá-lo, ele as deixa ir embora.

— Sim! Exatamente como aconteceu comigo — confessou Samantha.

— Sei que nós já temos provas suficientes para incriminá-lo, mas no esconderijo do assassino, encontramos uma gaveta cheia de calcinhas. Aqui estão as fotos. Você reconhece alguma como sendo a sua?

Samantha olhou as fotos e sem hesitar apontou para a peça manchada de sangue.

— É essa! — disse ela, meio envergonhada.

— Você disse que ele não te estuprou.

— Isso é verdade. — respondeu meio constrangida e, após um curto suspiro, ela respondeu a meia voz: — é que eu estava com cólicas... O senhor entende, não é? Por isso a mancha de sangue.

— Mais alguma coisa a dizer? — perguntou Scott, confirmando com a cabeça.

— O senhor acha que eu corro perigo? Afinal ele

sabe onde moro, e ainda me ameaçou, caso viesse à polícia.

— Infelizmente neste momento, minha cara, todas as mulheres de Nova York estão em perigo, mas ele sabe que está sendo caçado, pois já foi reconhecido por uma vítima, além de estar com suas fotos espalhadas por toda a cidade. Ele vai pensar duas vezes, antes de aparecer novamente. Nós também não divulgaremos a notícia de que você fez a denúncia. Mesmo assim, acho bom que use isto e não tire em hipótese alguma.

— E o que é?

— É um rastreador. Coloque-o em um bolso, escondido sempre que sair de casa, e se o assassino lhe encontrar, isso poderá nos levar até ele.

Samantha olhou o pequeno objeto, desconfiada.

— Não pense que estamos usando-a como isca, senhorita! Isso é apenas por precaução. Caso nós aqui da polícia, tivéssemos tido o mesmo cuidado com a outra vítima, Ingrid já teria sido encontrada.

— Tudo bem! Eu vou usar sim. — sorriu agradecendo, parecendo mais tranquila.

Scott terminou de colher as informações e em seguida, dispensou a moça.

Ainda naquela manhã, Alfred recebeu um telefonema: um táxi havia sido encontrado abandonado na periferia. Imediatamente, Scott e seus dois colegas foram até lá.

Assim que eles chegaram ao local, encontraram o Ford Crow Victoria abandonado com o vidro do motorista abaixado e a porta destrancada. Não havia sinal de violência no interior do veículo. A placa era a mesma da que as câmeras haviam registrado em um dos crimes. Scott não tinha a menor dúvida de que era o táxi do assassino. A perícia colheria as impressões digitais e tentaria encontrar algo mais. Porém, tudo indicava que ele abandonou o carro, depois de saber que sua identidade já havia sido descoberta.

— Vamos nos espalhar e verificar se existe alguma câmera de segurança aqui por perto — ordenou Scott.

Os três se separaram e vasculharam todo o local, mas quando eles estavam quase desistindo, Fred acabou avistando uma câmera a aproximadamente cem metros do

local.

— Olhem aqui! — exclamou ele, chamando Scott e Peter.

— Perfeito! Agora é só torcer para que esteja funcionando — concluiu Scott. E, assim dizendo, ele entrou no estabelecimento e pediu para falar com o dono. Ele então soube que a câmera estava funcionando, mas que não seria preciso autorização da justiça para ter acesso às imagens. O dono do local autorizou que eles olhassem as imagens ali mesmo, pois ele temia que o equipamento fosse confiscado pela polícia. E seria muito trabalhoso, e perda de tempo, caso isso ocorresse, afinal eles só precisavam verificar algumas horas de filmagem, mais precisamente entre vinte horas e meia-noite aproximadamente.

A câmera marcava exatamente oito e trinta da noite quando um Sentra preto passou na imagem, pouco depois foi possível ver um táxi saindo do local. Aproximadamente duas horas depois, ele retornou e deixou o táxi no mesmo local. A imagem estava escura, mas foi possível ver um homem, saindo do carro indo na

direção oposta. Logo em seguida, o Sentra passa na imagem novamente.

— Só pode ser ele, pessoal! Vou congelar a imagem, vamos ver se conseguimos anotar a placa — vibrou Scott. Naquele momento ele lembrou-se de ter visto um Sentra igual da imagem passando pelo local quando deixavam o esconderijo do assassino, poderia ser que estivesse naquele carro.

Apesar de estar escura, a imagem possibilitou identificar a placa. Eles deixaram a perícia, coletando as últimas provas e retornaram para o departamento.

Após consultar as informações do veículo, Scott descobriu que se tratava de um veículo roubado. De qualquer forma, o táxi não seria mais usado para atacar as vítimas. O foco agora seria encontrar o paradeiro do Sentra preto.

Capítulo 13

No cativeiro...

Alex estava furioso, afinal, eles haviam descoberto a sua identidade, cuja foto estava nos jornais, e certamente que estavam muito perto de encontrá-lo.

— Aquela vagabunda deve ter me denunciado! Ah, se ela pisar na rua, eu acabo com ela! — pensou ele enquanto imaginava um jeito de sequestrá-la também.

Ingrid já não aguentava mais ficar com aquela roupa suja, então naquela manhã, ela havia tirado as roupas e lavado no banheiro. Ficou apenas de calcinha, enquanto esperava as roupas secarem. O quarto estava abafado mesmo, e nem de longe ela sentia frio. Alex entrou no quarto para levar o almoço e encontrou Ingrid assim. Ele não falou nada, apenas trancou a porta e saiu, retornando logo em seguida com uma calcinha limpa na mão.

— Tire esta! — ordenou ele, já que o mesmo sabia que não precisava usar a força, mas Ingrid se viu

obrigada, a ficar totalmente nua na frente de seu algoz. E seria um risco que ela corria; lavar as suas roupas, ficando daquele jeito, mas foi inevitável.

Ela então tirou a calcinha, ficando completamente nua na frente de Alex. Para ela pouco importava se seria estuprada ou não, a verdade é que já não acreditava mais que poderia ser encontrada com vida. Talvez seduzir o assassino fosse sua única possibilidade de tentar fugir daquele lugar, mas para isso, ela precisaria ser tão fria como ele.

Alex ficou parado, olhando para o corpo escultural de Ingrid, enquanto segurava a sua calcinha na mão. Ele parecia completamente excitado, enquanto sentia o perfume de sua peça íntima.

— Até parece que você nunca viu uma mulher nua na sua frente! — exclamou ela, insinuando seu corpo para Alex, tentando fingir que o desejava.

— Sim, eu já vi, mas nunca um corpo tão belo quanto o seu! E tampouco bonita como você — elogiou, sem admitir que jamais houvesse feito sexo com uma mulher.

Ingrid então deitou na cama de pernas abertas, instigando:

— Por que você não para de sentir apenas o cheiro da calcinha e vem sentir o meu corpo por inteiro?

Alex, apesar de nunca ter transado com mulher alguma, sabia exatamente o que deveria fazer, mas a atitude de Ingrid não era compatível com a de uma mulher desesperada que estava presa em um cativeiro há vários dias. Isso o deixou receoso, mas a cena que estava em sua cara era irresistível. Qual homem seria capaz de simplesmente ignorar o que estava a sua frente? Provavelmente nenhum.

Ele deixou a arma sobre o móvel, tirou rapidamente a roupa e foi para cima dela. Mas quando ele estava na eminência de penetrá-la, Ingrid pegou um objeto que havia deixado ao lado da cama e golpeou fortemente Alex na cabeça. Ele caiu da cama, mas sem perder a consciência.

Ingrid saiu rapidamente da cama e correu em direção à arma, segurando-a firmemente, apontando para Alex, o qual já estava se levantando com sangue

escorrendo pela testa, devido ao corte que havia sofrido logo acima do olho.

— Não se aproxime — avisou ela, preparada para estourar os miolos dele.

Ingrid não hesitaria em apertar o gatilho, se fosse preciso.

Alex simplesmente sorriu, caminhando em direção a ela. Ingrid, sem pensar duas vezes, puxou o gatilho, mas a arma falhou uma, duas, três vezes. Estava totalmente descarregada. E, antes que ela tivesse reação de fugir, Alex surpreendeu-a, retirando a arma da mão dela e segurou-a pelo pescoço.

— Então você se acha espertinha com esse plano? Me mataria e depois fugiria daqui com o meu carro! O que acha de eu terminar de fazer o que comecei naquela noite no Central Park? — disse ele, apertando ainda mais o seu pescoço.

— Não! — Desta vez vou fazer muito pior; vou continuar o que nós dois começamos aqui, sua vadia! — retrucou ele, arrastando-a para a cama novamente, já que ambos estavam completamente nus.

— Por favor, não faça isso! — implorou Ingrid, desejando que ele a matasse, ao invés de fazer aquilo, mas ele estava decidido em levar aquilo adiante.

Alex então a imobilizou-, segurando suas mãos e, em seguida, ele a estuprou com toda a raiva que sentia, sem dó, nem piedade. Depois que terminou, o maniaco cruel deixou-a ali na cama aos prantos, depois ele vestiu a roupa e saiu do quarto, deixando a calcinha limpa para que Ingrid pudesse vestir.

Ingrid criou forças e correu para o banheiro. Queria se livrar do cheiro e de tudo mais que aquele animal havia deixado sobre seu corpo. As lágrimas escorriam enquanto ela imaginava que poderia engravidar daquele monstro. Olhou para o teto, procurando por algo onde pudesse se enforcar, mas apesar de tudo, ela ainda queria viver. Talvez ainda fosse encontrada, e se ficasse grávida, ainda poderia fazer um aborto. Ela estava sentindo raiva de si mesma, afinal, foi ela quem se ofereceu para Alex. Talvez ele não a tivesse estuprado, se ela não tivesse tentado colocar aquele plano em prática.

Assim que a pobre moça saiu do banho, vestiu a

calcinha, deitou-se na cama e adormeceu, soluçando em prantos.

No outro dia...

— Você acha que Samantha ainda corre perigo? — perguntou Alfred.

— Sim! Veja o que aconteceu com Ingrid... Quando pensamos que ela estava segura, ele a sequestrou, e talvez esteja morta neste momento. Por isso que pedi a Samantha que levasse um rastreador, e espero que ela carregue sempre que sair de casa. Temo pela segurança dela, assim como Ingrid, ela teve sorte de ter escapado da primeira vez. Ainda mais que Alexander ameaçou-a, caso ela contasse tudo para a polícia. A perícia encontrou fios de cabelo e várias impressões digitais no táxi encontrado ontem. Sei que já temos essas informações, e elas só servem para confirmar que o carro realmente é o táxi que Alexander utilizava. Agora precisamos encontrar o outro veículo.

— Vou lhe dar o prazo de vinte e quatro horas. Se não tiver notícias do paradeiro dele, vou lhe tirar do caso.

— Tudo bem Alfred. Não gosto de deixar um caso

antes de encerrá-lo, mas se a vida de pessoas está em jogo, faça o que achar melhor — disse Scott na esperança de que ainda solucionaria aquele caso.

Ingrid ficou com muito medo quando a porta do quarto se abriu pela primeira vez naquele dia, a única coisa que imaginava é que seria estuprada novamente. Ela encontrava-se encolhida na cama, abraçando as pernas para tentar se proteger.

— Não adianta ficar desse jeito, porque se eu quiser vou fazer sexo com você na hora em que eu bem entender! Não sei se você entendeu como as coisas funcionam aqui. Entendeu? E será castigada sempre que for desobediente. Então respeite as minhas ordens e não tente ser a espertinha novamente! Além de que você é muito gostosa, adoraria lhe possuir mais uma vez — exclamou ele com um sorriso sarcástico no rosto.

— Até quando vai me torturar? Se vai me matar, por que não faz logo? — implorou a pobre moça com os olhos vermelhos de tanto chorar.

— Ainda tem mais de vinte calcinhas limpas, meu bem! E tenho muito tempo para pensar no que eu vou fazer

com você. Mas agora deixe de conversa fiada e tire logo essa calcinha! Ou melhor; eu quero tirá-la. E não pense em tentar fugir novamente, pois desta vez não vou ser tão bonzinho! E só para você saber, desta vez a arma está carregada, e não vou pensar duas vezes antes de usá-la!

Ingrid sabia que ele não estava brincando. Então ela se deitou na cama e deixou que ele tirasse a sua calcinha. E, esperando pelo momento em que seria estuprada novamente, ela fechou os olhos para não ver, mas ele simplesmente tirou a calcinha e não tocou mais em seu corpo. Ingrid abriu os olhos, e o viu segurando a calcinha na mão e repetindo a mesma cena de sempre. Em seguida, o maníaco lhe entregou outra peça limpa e saiu do quarto sem dizer nada.

Capítulo 14

Alex estava determinado a dar uma lição em sua outra vítima que ele havia deixado ir embora com vida. Naquela noite ele pegou o carro e foi ao endereço que ela tinha dado no dia em que pegou o seu táxi. Parou o carro a uma distância que não levantava suspeitas e ficou observando a movimentação, percebendo que as luzes da casa dela estavam acesas.

No interior da casa, os pais de Samantha preparavam-se para ir a um jantar com amigos, mas ela não estava a fim de sair, preferindo ficar em casa, assistindo a um filme.

Samantha havia contado a seus pais tudo o que havia acontecido naquela noite terrível, isso aconteceu quando ela decidiu contar tudo o que sabia para a polícia. Seus pais, assim como Alice e David, também apoiaram a ideia. Mas eles imaginavam que ela estaria totalmente segura, se não saísse de casa à noite.

Alex viu quando o casal saiu, pegando o carro na garagem. Se ela estivesse em casa, possivelmente estaria sozinha, eis a oportunidade que ele queria. Não poderia ter melhor sorte.

Sorrateiramente Alex desceu do carro e se aproximou da janela da sala, assim que ele olhou, não viu ninguém. Havia um quarto com a luz acesa. Ela poderia estar lá. Deduziu ele.

Então Alex usou as suas habilidades e arrombou a fechadura da porta da sala, sem fazer muito barulho. Samantha estava no quarto, preparando-se para ligar a TV enquanto observava o rastreador que Scott havia lhe dado. Foi quando ela ouviu um barulho estranho e guardou o pequeno objeto no bolso da saia que estava usando.

Ela imaginou que seus pais haviam esquecido algo e retornaram para buscar, mesmo assim abriu a porta para ver o que era. Quando deu de cara com Alex, a moça desmaiou no mesmo instante.

Alex ainda não sabia o que fazer quando visse Samantha em sua frente; poderia cortar sua garganta ou simplesmente estuprá-la antes disso. Diante do ocorrido,

ele tirou a fita do bolso, amarrando os pulsos dela com as mãos para trás e depois colocou um pedaço de fita, tapando a sua boca. Na sequência, ele colocou Samantha nos braços e se dirigiu até a porta. E notou que o carro estava muito longe, logo, alguém poderia notar a movimentação estranha e chamar a polícia. Então ele colocou Samantha sobre o sofá e foi buscar o carro. Quando retornou Samantha já havia recobrado os sentidos e caminhava para a porta, tentando fugir, mas Alex apontou a arma para ela, frustrando totalmente sua tentativa.

— Você não vai escapar duas vezes, moça! Não tente fugir ou eu lhe mato agora mesmo!

Ele a conduziu para o veículo, sem que ninguém na vizinhança percebesse absolutamente nada. Em seguida, o assassino saiu rumo ao cativeiro. Enquanto dirigia, Alex pensava no que faria com ela. Ele a estupraria e depois lhe daria um tiro? Ou a deixaria presa junto com Ingrid, até pensar sobre o que faria com as duas? Pouco tempo depois, eles chegaram à cabana. Alex a conduziu, abrindo a porta do quarto.

Ingrid levou um susto quando viu a outra mulher, e por um momento, ela pensou que alguém tivesse encontrado-a ali, mas logo caiu na triste realidade.

— Tire a fita da boca e desamarre as mãos dela — ordenou ele a Ingrid, segurando a arma na mão.

Ela fez o que ele pediu, e as duas se abraçaram com medo do que poderia acontecer.

— Como é seu nome? — perguntou ele.

Samantha não respondeu.

— Vou perguntar mais alto dessa vez. — Qual é o seu nome?

— Samantha — disse ela ainda apavorada.

— Muito bem Samantha, Ingrid vai lhe dizer como é que as coisas funcionam por aqui, e acho bom você obedecer, se quiser continuar viva — dizendo isso, ele saiu do quarto trancando a porta.

— Ingrid! — Você é a moça que está desaparecida! Eu vi a notícia no jornal! Você escapou do assassino e depois foi sequestrada. Sabia que a polícia está a sua procura?

— Isso mesmo, ele reapareceu de repente, e eu não

tive como reagir. Samantha! Você também foi atacada e teve a calcinha levada?

— Sim! E como eu não reagi ao seu ataque, ele me deixou ir embora, mas com a condição de que eu não contasse nada para a polícia.

— E você contou?

— Meus amigos me falaram sobre você, que estava correndo perigo e que eu poderia ajudar a polícia a te encontrar. No início eu não aceitei, pois só pensava em minha segurança, mas depois eu decidi ir à polícia. Entendi que não contar nada era uma atitude muito egoísta de minha parte.

— Então ele descobriu e foi atrás de você também?

— Acho que sim, mas o que ele quer conosco? — perguntou Samantha, desesperada. Ingrid percebeu que ela tremia.

— Calcinhas usadas! A polícia encontrou o esconderijo dele e levou tudo, agora ele me obriga a dar uma calcinha usada em troca da nova todos os dias.

— Que nojento! — retrucou, tentando se acalmar.

Pelo menos não estava ali, sozinha. — Mas ele não a estuprou?

Ingrid sentou-se na cama, suspirando. Agora ela também tremia. Em seguida, ela olhou para a sua companheira e convidou-a para se sentar. Samantha obedeceu.

— Não sei se era a intenção dele, mas bolei um plano para tentar fugir daqui. Eu o seduzi, e quando ele veio para cima de mim, tentei bater na cabeça dele com um objeto, depois peguei a arma dele. O problema é que a arma estava descarregada, caso contrário, meu plano teria dado certo. Ele ficou com raiva e então me estuprou. Por isso acho melhor você obedecê-lo.

— E você não troca de roupa também?

— Não tenho roupas limpas, apenas calcinhas. Eu havia lavado minhas roupas no banheiro e usava apenas uma calcinha, foi quando ele veio me pedir para trocar. Tive que ficar nua, foi quando veio àquela ideia que não deu certo. Agora é torcer para que eu não esteja grávida, e que ele não tenha AIDS ou qualquer outra doença. — lamentou a pobre vítima, tentando controlar as lágrimas.

Samantha ficou horrorizada.

— Nossa! Que horrível Ingrid! Ah, sinto tanto por você! — consolou Samantha, oferecendo uma força. Ingrid conseguiu sorrir, agradecendo o carinho da desconhecida. Segundos depois de suspirar, ela falou:

— Vamos ficar aqui até quando? Será que a polícia nunca nos encontrará?

— Espera aí! Talvez eles nos encontrem.

— Como assim? Acha que a polícia já tem alguma pista? — perguntou Ingrid.

— Você conhece o detetive Scott?

— Sim! Ele está investigando o caso e estava me protegendo, mas quando pensei que o perigo tinha acabado, vim parar aqui. — lamentou, abaixando a cabeça, tentando novamente controlar o pranto. Samantha cochichou, dizendo que precisava falar baixinho, a fim de não ser ouvida:

— Quando eu estive na delegacia para fazer a denúncia, Scott me entregou um rastreador, ele está no bolso da minha saia e... Mas ela foi interrompida pelo barulho da porta do quarto se abrindo. Alex estava com o

semblante sério, enquanto segurava a arma na mão direita, provavelmente estava carregada. Ele não confiaria na sorte mais uma vez, afinal ele agora possuía duas mulheres, e seria mais difícil dominá-las apenas com as mãos.

— Vejo que as duas já se tornaram amigas! Ou será que estão tramando algo para tentar fugir? — questionou ele, franzindo o cenho e apertando um dos olhos. — Nem pensem nisso, pois a minha arma está carregada, e estou com cócegas nos dedos. Samantha! Tire a saia.

Ela olhou para Ingrid, e ela balançou a cabeça, indicando que Samantha deveria fazer exatamente o que ele pedia. Samantha então desceu a saia, torcendo para que ele não estivesse desconfiando de nada.

— Perfeito! Você é bastante obediente. Agora tire a calcinha e me entregue.

Samantha estava com medo, mas já havia passado por aquela situação quando estava no táxi. Ela então tirou a calcinha, ficando seminua na frente de Alex e entregou a peça para ele.

— Perfeito! — disse ele admirando a peça em sua

mão.

— Depois vista esta, ela pertence à Ingrid, mas acho que vai cair bem em você.

Realmente as duas tinham corpos bastante parecidos, mas de qualquer maneira, seria muito estranho vestir a calcinha de outra mulher. Ao menos ela não seria estuprada naquele momento. Como de costume, Alex saiu do quarto em silêncio, trancando a porta em seguida.

— Esse cara é louco! Quem em sã consciência coleciona calcinhas usadas e sujas?

Apesar de não ser a hora e nem o momento certo, Samantha sorriu.

— Meu amigo David também coleciona calcinhas usadas, mas ele não é um assassino — respondeu Samantha.

— Que bizarro! Não me diga que ele já lhe pediu uma calcinha usada!

— Não Ingrid! — Ele namora a minha amiga Alice, segundo o que ela me contou, as calcinhas são de mulheres com quem ele já fez sexo. E eu não entro nesta lista.

— Interessante! Mas agora vamos continuar a nossa conversa. Aqui está o rastreador — disse Samantha, pegando o minúsculo objeto no bolso da saia.

— Será que é possível que nos encontrem através dele?

— Talvez Ingrid, mas precisamos esconder em um local seguro.

— Vou tentar prender debaixo daquela mesa com chicletes, tenho um aqui comigo.

Samantha então mascou o chiclete e depois prendeu o aparelho sob a mesa de maneira em um local que não poderia ser notado. Em seguida ela foi tomar banho para vestir a calcinha limpa.

Era quase meia noite quando os pais de Samantha retornaram para casa. Eles estranharam a porta da frente aberta aquela hora, mas não imaginavam que o pior havia acontecido. George desceu do carro rapidamente e viu que aparentemente tudo estava em seu devido lugar, mas a porta do quarto também estava aberta, e a luz acesa. Samantha não deixaria a porta da sala aberta naquela hora da noite.

Dona Rosie chamou por Samantha, mas não houve resposta. George então caminhou em direção ao quarto e viu que o mesmo estava vazio. No banheiro ela também não estava. Samantha havia desaparecido. Rosie já estava desesperada, mas George ainda teve calma para ver que a porta da frente havia sido arrombada.

— A porta foi arrombada! Samantha foi levada por alguém! — exclamou George, examinando a fechadura.

— Não pode ser! Nós não devíamos ter deixado nossa filha aqui sozinha! Isso não teria acontecido se estivéssemos aqui — lamentou Rosie, vertendo em lágrimas e amparada pelo marido.

— Tenha calma Rosie, meu amor! Veja se ela levou o celular.

Rosie caminhou até o quarto e encontrou o celular sobre a penteadeira. Foi constatado que nada havia sido tirado do lugar.

— Vamos ligar para a polícia! — sugeriu ela desesperada. Mas quando a mulher deu por si, percebeu que o marido já estava com o aparelho em punho, discando o 911.

Naquele horário, George não acreditava que alguém poderia lhe dar atenção, mas assim que o telefone tocou alguém atendeu.

— Departamento de polícia. Em que posso ajudar?

— Acho que minha filha foi sequestrada! Nós saímos de casa e retornamos agora, a casa estava aberta e ela desapareceu.

— Tenha calma senhor. Existe algum sinal de violência, ou o senhor não sabe ao certo o que aconteceu?

— A porta tem sinal de arrombamento, minha filha foi vítima de um criminoso e estava com medo que ele voltasse para se vingar. Pelo amor de Deus, o nome dela é Samantha! E a polícia inteira de Nova York sabe do que estou falando! Quero o telefone do detetive Scott.

— Fique calmo, vou mandar uma viatura para o local. Assim que possível vou avisar o detetive. Qual é o seu endereço?

George passou as informações necessárias, e vinte minutos mais tarde uma viatura da polícia chegou a casa deles.

— Senhor George?

— Sim!

— Meu nome é Fred, vou olhar a casa, depois preciso que me responda a algumas perguntas.

Fred constatou que a porta havia sido violada e que, além disso, aparentemente nada estava fora do lugar. A perícia poderia encontrar impressões digitais, ou alguma mancha de sangue oculta. No entanto, nada denunciava que ali tivesse havido luta corporal ou qualquer coisa do tipo.

— O senhor e sua esposa não estavam em casa, mas sua filha sim?

— Isso, eu e minha esposa fomos jantar na casa de amigos. Samantha preferiu ficar em casa, assistindo TV.

— O que encontraram ao retornar?

— A porta da sala estava aberta, a luz acesa e ninguém em casa. O celular dela não foi levado, não foi um roubo, foi um sequestro! — disse George.

— Por favor, encontrem minha filha! — pediu dona Rosie desesperada.

— Fique tranquila minha senhora, pois nós vamos fazer o que estiver ao nosso alcance, e assim que

amanhecer, começaremos as buscas.

— Assim que amanhecer? Minha filha está desaparecida há horas! Vocês não podem esperar o dia amanhecer! — esbravejou Rosie.

— Ele tem razão, querida. — Daqui a pouco vai amanhecer, já são quase uma da madrugada, e ninguém sabe para onde levaram nossa filha. — lamentou o senhor, abaixando a cabeça, tentando conter o pranto.

Capítulo 15

Logo que o dia amanheceu...

Eve e Scott conversavam enquanto tomavam café. E, como de costume, a conversa sempre girava em torno dos últimos acontecimentos, principalmente quando ele estava às voltas com algum caso mais complexo de seu trabalho como investigador policial.

— Tenho notado que você continua tenso, meu bem. — questionou Eve, franzindo o cenho, enquanto colocava leite em seu café fumegante. — Você está preocupado? É por causa do que aconteceu com a moça, não é mesmo?

Scott suspirou, ajeitando o terno em seu pescoço, acomodando-se melhor na cadeira e após um longo gole de café, ele respondeu:

— Não é para menos, minha querida! Afinal, eu só tenho o dia de hoje para desvendar o caso do colecionador de calcinhas! E, se não tiver êxito, Alfred

vai me tirar do caso. — relatou, ele, balançando a cabeça como se aquilo fosse o fim do mundo. E, certamente seria, afinal para um homem forte e sagaz como ele, sua carreira profissional é uma das coisas mais importantes de sua vida, e, claro junto com a sua adorada esposa. Eve, por sua vez, afagou a mão do marido, o qual correspondeu com um beijo em seu rosto e um sorriso. Embora a tensão não tenha abandonado o detetive.

— Sei que você ficará muito triste se isso acontecer — respondeu Eve, compreensiva.

— É verdade; não solucionar um caso é algo terrível para qualquer detetive. Talvez eu esteja ficando velho, Eve! Quem sabe está chegando a minha hora de me aposentar?

— Não diga isso! Ânimo, meu amor! Onde está aquele Scott, perspicaz e batalhador que eu conheço? — animou. — Quem sabe hoje é seu grande dia?

No mesmo momento, o telefone de Scott tocou, era do departamento de polícia.

— Alô!

— Scott! Preciso que venha urgentemente para o

departamento. Samantha desapareceu ontem à noite — exclamou Alfred ao telefone.

— Meu Deus! Como isso aconteceu?

— Ela estava em casa sozinha, e alguém arrombou a porta e Samantha desapareceu. Venha logo, não temos tempo a perder.

Scott desligou o telefone, tomou o resto do café rapidamente, quase queimando a língua e levantou-se.

— Mais uma mulher morta? — perguntou Eve.

— Não! Ainda! Samantha, a última moça a denunciar o assassino, desapareceu de casa ontem à noite. É muito provável que o colecionador também a levou. Espero que ela tenha usado o rastreador que dei a ela, ou talvez nunca a encontremos. — contou Scott enquanto despedia-se da mulher.

— Boa sorte, querido!

Enquanto isso, no cativheiro...

Assim que amanheceu, Alex abriu a porta do quarto e encontrou Ingrid e Samantha dormindo. Entretanto o ranger das dobradiças da porta velha fez um barulho seco, acordando-as. Elas levantaram num pulo e se

sentaram na cama, ainda sonolentas e com dores pelo corpo, visto que ambas dividiram o espaço da mesma cama de solteiro.

— Acordem suas preguiçosas! — bradou ele, friamente. — Vamos, fiquem de pé porque nós hoje teremos dois turnos de trabalho.

Por um momento elas não entenderam o que ele estava dizendo, mas logo caíram na real.

— Vamos! Tirem as calcinhas! As duas.

Elas obedeceram, ficando seminuas. E, apesar de não ter resistência por parte das moças, Alex continuava a segurar a arma em uma das mãos. Assim que elas obedeceram, ele pegou as duas calcinhas usadas, e em troca entregou outras duas limpas para elas.

— Tomem banho e vistam estas novas, porque de tarde, eu as quero de volta, ou melhor, se não quiserem tomar banho, não tem problema.

Elas se entreolharam enojadas, mas não falaram nada, apenas fizeram um gesto que concordavam com aquela loucura.

— Vou sair para comprar comida, mas volto em

breve. E não tentem nenhuma gracinha ou irão se arrepender quando eu voltar! — dizendo isso, Alex saiu trancando a porta.

— Não temos muito tempo, Samantha! Se ele pedir para nós trocarmos de roupa duas vezes ao dia, as calcinhas vão acabar rapidamente! — desesperou Ingrid.

— E depois ele vai nos matar, ou nos estuprar antes disso! — previu Samantha.

— Precisamos dar um jeito de fugir daqui, mas como vamos arrombar esta porta? Ele foi bem claro; se nós tentarmos alguma coisa e falharmos, vamos nos arrepender! Eu já fui estuprada e não quero passar por isso novamente.

— Tenha calma Ingrid. Vamos torcer para que nos encontrem logo. Espero que o rastreador funcione neste local. Será que não existe nenhum meio de fugirmos daqui? — questionou Samantha olhando o quarto ao seu redor.

— Acho que não! A porta está muito bem trancada, e a janela do banheiro, além de ser alta tem uma grade de ferro. Se nós tivéssemos alguma ferramenta, poderíamos

fazer um buraco na parede, quebrando os tijolos, mas não temos nada. E mesmo assim, demoraríamos algum tempo. E, certamente ele retornaria antes disso, acho que não temos nada a fazer, a não ser torcer para que nos encontrem.

Enquanto isso, no departamento...

Scott já estava por dentro de tudo o que havia acontecido naquela noite. Ele não tinha dúvidas de que o colecionador, ou melhor; Alexander, havia atacado novamente, mas desta vez, levando a vítima com vida, igual fez com Ingrid.

O serviço de inteligência da polícia trabalhou rapidamente e conseguiu a localização exata do rastreador. O local ficava em uma área rural, afastada da cidade. Isso significava que Samantha portava o rastreador, no momento em que foi levada. Agora tudo o que Scott precisava era ir até o local e torcer para não encontrar apenas cadáveres jogados em uma vala qualquer. Essa possibilidade era bem real, mas o detetive ainda acreditava que poderia encontrar Ingrid e Samantha com vida.

Scott, Fred e Peter entraram na viatura, e outros três veículos os acompanharam. Aproximadamente vinte minutos mais tarde, eles chegaram a um lugar que podia se ver ao longe uma cabana. Parecia uma propriedade abandonada, cheia de mato e entulho ao redor, e o sinal do rastreador estava quase centralizado no local do mapa.

Scott desceu e analisou as marcas de pneu na estrada de terra. Foi possível ver que um veículo baixo havia passado por ali recentemente em direção ao casebre. Scott ordenou que os carros fossem deixados ali para não causar pânico e perigo para as vítimas, caso estivessem naquele local. Todos os homens seguiram caminhando por entre os arbustos. Scott avistou o Sentra preto parado atrás da cabana. Eles estavam no lugar certo, só precisavam encontrar uma maneira de chegar até lá e prender o assassino. E além disso resgatar Ingrid e Samantha com vida.

No interior da cabana, Alex nem sonhava que estava completamente cercado. Ele havia chegado há poucos minutos, e ainda estava na sala, separando a comida de suas vítimas. Se a polícia houvesse chegado ao

local meia hora antes, poderia ter libertado as duas mulheres tranquilamente.

Scott tinha dois planos em mente: o primeiro seria esperar até que Alex aparecesse do lado de fora da cabana e rendê-lo, sem que pudesse colocar em risco a vida das vítimas. Isso se realmente elas estivessem sendo mantidas reféns ali. A segunda opção seria invadir o local, mas isso seria muito arriscado, afinal, como saber o que estava acontecendo dentro da cabana? Um erro poderia colocar tudo a perder. Ele preferia ter a carreira encerrada a cometer um erro que pudesse custar a vida das duas.

Enquanto as horas passavam, o clima ficava cada vez mais tenso. Tudo parado e nenhuma movimentação do lado de fora. Talvez não houvesse ninguém na cabana, mas isso era pouco provável, pois o rastro recente do veículo, o carro estacionado e o sinal do rastreador indicavam que eles estavam ali.

Scott ordenou aos policiais que se posicionassem estrategicamente em todos os cantos. Feito isso, os homens começaram a arquitetar as investidas; primeiro

Fred tentou visualizar algo através da janela do banheiro, mas não viu nada. Em seguida Scott e mais dois homens se posicionaram de frente para a entrada da cabana. A porta continuava fechada.

No interior da cabana Ingrid e Samantha ouviram ruídos, mas acreditaram que era Alex que estava do lado de fora. Alex, por sua vez preparava a comida quando também ouviu ruídos e olhou de soslaio pelo canto da vidraça e avistou Scott. E agora? Ele estava cercado. Imediatamente, o bandido segurou a arma em punho e se posicionou estrategicamente, enquanto sua respiração tornava-se cada vez mais ofegante, pingos de suor escorriam por sua testa com o calor do meio-dia.

— Alexander! Você está cercado! Saia de mãos para cima — gritou Scott.

Alex encontrou um buraco na janela e disparou, acertando o peito de Scott, o qual caiu na terra quente. Ele colocou a mão, sentindo a dor do impacto do projétil em sua carne. Se não fosse o colete à prova de balas, ele teria acertado em cheio o seu coração.

Scott levantou-se rapidamente e procurou se

proteger, assim como os outros policiais.

Ingrid e Samantha ouviram o tiro e ficaram apavoradas. Tremendo as duas se abraçaram.

Quando Alex abriu a porta do quarto, elas perceberam que ele estava apavorado. Os olhos castanhos claros arregalados, e a arma na mão. As duas fecharam os olhos preparando-se para serem assassinadas.

— De pé as duas! A polícia nos encontrou e nós estamos cercados! Então eu vou usar vocês duas de escudo, eles nunca vão me pegar.

Alex então pegou uma algema, prendendo as duas; Ingrid pela mão esquerda e Samantha pela mão direita.

— Agora vocês ficam na minha frente, e se tentarem fugir eu atiro, entenderam?

— Sim — responderam as duas muito assustadas.

Alex pegou a bolsa, onde estavam todas as calcinhas usadas, e em seguida se posicionou logo atrás das moças, encostando a ponta da arma para que elas não esquecessem de que ele dizia a verdade.

Do lado de fora, Scott estava prestes a invadir o local, mas precisava fazer isso em segurança.

Ingrid e Samantha saíram do quarto, acompanhadas de Alex que as posicionou próximo à janela da cozinha, a única que existia no cômodo. O bandido correu trancar a porta pelo lado de dentro.

— Diga que não tentem invadir ou eu mato as duas.

Ingrid então gritou, pedindo que não atirassem, ou invadissem o local, ou ele as mataria.

Scott abriu um sorriso no rosto ao ouvir a voz de Ingrid, feliz por saber que as duas estavam vivas.

— Se entregue, Alex! Nós não vamos atirar! Eu dou a minha palavra — gritou Scott, usando um megafone.

— Diga que quero meu carro para fugir, mas vocês duas terão que vir juntas como reféns.

Ingrid então falou tudo, esperando que Scott rejeitasse a proposta. Depois de alguns minutos de silêncio, o detetive usou o megafone novamente.

— Tudo bem! Vamos deixar você sair, mas prometa que deixará as duas em algum lugar sem ferimentos. — Scott sabia que isso era pouco provável, pois ele as mataria certamente. Aceitar a proposta de Alex possibilitaria colocá-lo na linha de tiro, e talvez fosse

possível atingi-lo, sem machucá-las, ato bastante complicado, caso eles tivessem invadido a cabana.

A tensão pairava no ar naquela tarde quente de quase uma hora da tarde. Ingrid e Samantha caminharam rumo à porta, abrindo a mesma em seguida. Elas saíram e se depararam com todos os policiais a postos, prontos para atirar. Quando Alex viu a cena, fez com que as duas parassem de andar.

— Abaixem as armas ou nós não sairemos! — ordenou Alex.

Todos abaixaram suas armas, com exceção do atirador de elite que estava em local estratégico, longe do alcance da visão de Alex.

Os três então começaram a caminhar novamente, Alex ficou entre as duas, formando uma espécie de sanduiche e andavam de lado. Dessa forma seria quase impossível atirar, sem acertá-las. Eles chegaram até ao veículo de Alex que estava do lado oposto da cabana, enquanto todos os policiais ficaram na outra direção. Ingrid e Samantha entraram no banco traseiro, sentaram bem próximas por causa das algemas e cochicharam algo

sem que Alex percebesse.

Ele então rapidamente assumiu a direção e arrancou o veículo, patinando e jogando terra para trás. Ingrid e Samantha sabiam que seria o fim. Ele as mataria e depois fugiria.

Quando o carro já estava a aproximadamente quinhentos metros de distância, Ingrid olhou para trás e viu que os carros da polícia começavam a segui-los à distância. Os policiais precisaram correr até as viaturas, as quais ficaram a alguma distância.

Alex estava com a arma em seu colo, então as duas precisavam agir rápido. Ele olhou mais uma vez no retrovisor e retornou a atenção na estrada de terra batida. Neste momento Ingrid deu um grito anunciando o momento.

— Agora!

As duas levaram as mãos algemadas por sobre o encosto do banco do motorista e passaram por sobre a cabeça de Alex prendendo sua garganta e segurando com força, tirando-lhe a respiração.

Alex imediatamente tirou as mãos do volante,

tentando se livrar da corrente. Neste momento o carro bateu em um buraco, perdendo o controle e por fim bateu no barranco, tombando. O Sentra ficou com duas rodas para cima. Seria o fim de todos ali?

Rapidamente todas as viaturas da polícia chegaram ao local. Alex estava morto, pois com o impacto ele teve o pescoço quebrado. Ingrid e Samantha estavam com os braços feridos por causa das algemas, algumas escoriações, mas nada de muito grave.

Eles conseguiram retirá-las de dentro do veículo, rapidamente. Após terem as algemas retiradas, Ingrid e Samantha ficaram tão emocionadas que abraçaram Scott. O detetive por sua vez, teve que se conter, a fim de não derramar lágrimas.

— Ele ia nos matar, se você não tivesse nos encontrado, detetive! — vibrou Ingrid com lágrimas caindo pelo rosto.

— Agradeça a Samantha que estava com o rastreador que dei a ela, foi graças a ele que nós encontramos o esconderijo.

— Eu disse a Ingrid que poderia ser a nossa única

esperança. — Comentou Samantha, sorrindo contente e agradecendo imensamente aos policiais.

— Agora me digam: o que aconteceu que fez o carro capotar? Não precisam ficar com medo, porque nada vai acontecer com vocês.

— Utilizamos a corrente da algaema para enforcá-lo, logo ele perdeu a direção e tombou o carro. Acho que com o impacto, acabou quebrando o pescoço — disse Samantha.

— Tudo bem! Vocês não serão acusadas por assassinato, mas vocês terão que dar depoimento, apenas para esclarecer tudo o que aconteceu quando estavam no cativeiro e como vieram parar aqui. Agora as duas precisam passar por exames para ver se está tudo bem.

Quando Scott disse isso, Ingrid abaixou a cabeça tristemente. Ela estava transtornada ao se lembrar do que viveu em cativeiro. Parece que o detetive percebeu, mas nada comentou a respeito. Em seguida ele continuou:

— Agora está tudo bem, meninas! O pesadelo acabou. Entrem no carro que eu mesmo as levarei. Fred e Peter? Por favor, aguardem aqui até a perícia chegar.

Aliviadas as duas entraram no carro de Scott e seguiram para a cidade, mas de repente Ingrid começou a chorar.

— O pior já passou Ingrid! — disse Scott, consolando-a, na tentativa de acalmá-la.

— Acho que sei por que motivo ela está chorando. — comentou a outra moça. — Parece que aquele monstro a molestou. Ingrid pode estar grávida, ou ter contraído alguma doença sexualmente transmissível — confessou Samantha.

— Isso é muito triste mesmo, mas ela vai passar por exames e vamos torcer para que nada disso tenha acontecido. — comentou Scott, revezando o olho entre a estrada e o retrovisor.

Logo eles chegaram ao hospital.

— Enquanto vocês são examinadas, eu vou avisar os pais de Samantha.

O pai de Samantha atendeu a ligação imediatamente, pois estava aflito esperando por alguma notícia de sua filha.

— Alô, senhor George! Aqui é Scott.

— Alguma notícia sobre minha filha?

— Sim! Conseguimos encontrá-la. Ela está aqui no Hospital Bellevue. O senhor sabe onde fica?

— Hospital? Sim, sim, mas o que aconteceu com minha filha?

— Fique calmo, ela tem apenas algumas escoriações leves pelo corpo, mas nada grave.

— Vamos para aí imediatamente! — exclamou George, desligando em seguida.

— Eles acharam a nossa filha, querido? Oh graças a Deus! Ela está bem? — perguntou dona Rosie com lágrimas nos olhos.

— Sim! Ela está bem, está recebendo cuidados médicos no Hospital Bellevue. Vamos logo para lá, minha querida.

Alice e David são os melhores amigos de Samantha e estavam na casa dela por ocasião do desaparecimento, pois queriam notícias. Sendo assim, todos foram imediatamente para o hospital.

Ao chegarem lá, Samantha já havia sido examinada e sido levada para o quarto. Como ela não corria risco de

morte, eles deixaram que os quatro pudessem entrar ao mesmo tempo.

— Minha querida! Tive tanto medo que talvez nunca mais conseguisse lhe abraçar novamente! Você está bem?

— Sim mamãe! Apenas com alguns arranhões. Eu também pensei que nunca mais veria vocês. — respondeu, emocionada, vertendo em lágrimas de alívio, enquanto abraçava seus afetos.

— Nós não deveríamos tê-la deixada sozinha, meu doce! Oh sinto tanto! — retrucou seu George, contendo uma lágrima.

— Vocês não têm culpa, papai! Relaxa! O bandido sabia onde eu morava, logo uma hora ou outra isso aconteceria! O importante é que agora o perigo acabou.

— A polícia conseguiu prender o assassino? — perguntou Alice.

— Ele está morto. É uma longa história, depois eu conto tudo para vocês.

— Quero saber todos os detalhes, Sam! Principalmente se ele era mesmo um colecionador —

comentou David curioso.

— Pode deixar que eu conto tudo a você. — respondeu ela, feliz por receber um buquê de flores dos amigos e o carinho deles e da família.

Assim como Samantha, Ingrid também já havia passado por exames. Como foi estuprada, a pobrezinha recebeu a medicação preventiva contra doenças sexualmente transmissíveis. Mas ainda era impossível saber se ela havia engravidado.

Duas semanas mais tarde, Ingrid recebeu o resultado dos exames, e para o seu alívio, ela não estava grávida. Ingrid e Samantha tornaram-se grandes amigas, afinal os momentos que passaram juntas no cativeiro criaram laços para o resto de suas vidas.

Scott conseguiu solucionar o caso, pois sabia tudo sobre Alexander, porém jamais soube qual era o motivo que levava Alex a assassinar as vítimas para levar apenas as peças íntimas das mesmas.

Ainda naquele mesmo dia, Scott tinha em suas mãos um novo caso; o de uma mulher que havia sido encontrada morta em um quarto de motel. Nem bem

comemorava o fim de um caso e lá vinha outro. Mas ele não reclamava. Afinal ele teria mais uma missão. Mais um desafio para o detetive Scott.

Epílogo

Ingrid ficou traumatizada em consequência do estupro que sofreu, e por este motivo, a moça passou um tempo sem namorar, até que finalmente conheceu um rapaz por quem ela se apaixonou. Depois de dois anos de namoro eles se casaram, mas a moça jamais conseguiu andar de táxi novamente; sempre que avistava um carro amarelo, ela já ficava assustada.

Samantha, apesar de também ter passado por momentos difíceis, conseguiu superar o trauma mais facilmente. E algum tempo depois, ela acabou se apaixonando por Fred, colega de trabalho do detetive Scott. Ingrid foi sua madrinha de casamento, e assim como Samantha que também foi madrinha de casamento dela. Afinal, elas se tornaram amigas inseparáveis.

David esperou ansiosamente até o momento em que as duas moças pudessem lhe contar tudo sobre o colecionador, bem como ele agia, o que ele fazia ao pegar

a peça íntima nas mãos, enfim... O rapaz percebeu que o assassino tinha muita semelhança com ele, pois também gostava de sentir o cheiro das peças íntimas quando as mesmas eram despidas pelas mulheres. Alice finalmente conseguiu convencê-lo a parar de colecionar calcinhas de outras moças, afinal os dois casariam em breve. Ela permitiu que ele guardasse a coleção em outro local, mas daquele momento em diante, a única peça íntima que ele poderia tirar seria a dela.

Apesar de ter encerrado aquele caso com a morte de Alex, Scott não se sentia totalmente feliz com o desfecho da história. Afinal várias mulheres foram assassinadas até que o assassino foi encontrado, além disso, o detetive nunca soube ao certo, o que motivava o malfeitor em questão a cometer seus crimes. Pelo menos aquele criminoso não assombraria mais as noites de Nova York, e ele poderia ter um pouco de paz, ao lado de Eve, sua linda esposa.

Acesse o site e as redes sociais a seguir para ver mais informações sobre o autor e fique à vontade para entrar em contato e conversar diretamente com o autor.



sergiofragoso.com



facebook.com/sergiofragoso1977



instagram.com/fragoso_sergio



skoob.com.br/autor/15152-sergio-fragoso

Para receber informações por e-mail cadastre-se em meu site ou envie um e-mail para o autor

E-mail: fragososergio@globomail.com